REVISTA

ADESG

DEFESA E DESENVOLVIMENTO

Nº 288
NOV/DEZ de 2014
ANO 39
UMA PUBLICAÇÃO BIMENSAL
DA ASSOCIAÇÃO DOS
DIPLOMADOS DA ESCOLA
SUPERIOR DE GUERRA

2015 PERSPECTIVAS

DESAFIOS BRASILEIROS

ENERGIA EXPORTAÇÕES AGRONEGÓCIO JUSTIÇA
EDUCAÇÃO CRISE HÍDRICA VIOLÊNCIA

AMAZÔNIA: MARINHA ATIVA SERVIÇO DE SINALIZAÇÃO

PESQUISADORES REFAZEM EXPEDIÇÃO RONDON-ROOSEVELT

OS NOVOS COMANDANTES MILITARES

EDITORIAL

Por **Alte Ricardo Antonio da Veiga Cabral**
Presidente

BRASIL 2015:

RETORNO À REALIDADE À CUSTA DE SACRIFÍCIOS

Iniciamos o ano de 2015 com um sentimento de preocupação pela situação econômica do Brasil. Todo novo ano traz uma sensação de esperança e otimismo em nossas vidas. Contudo, agora, há como que uma nuvem carregada no horizonte prenunciando tempos difíceis. A situação econômica do País, encerrados os quatro anos do primeiro mandato da presidente, é demonstrada pelos indicadores que medem a inflação, que tendem a piorar e estão cada vez mais longe do centro da meta. As maquiagens feitas para gerar superávit primário foram desconcertantes e resultaram em desconfiança no mercado e nos financiadores externos. A política de incentivo à demanda com crédito fácil, juros baixos e renúncia fiscal seletiva (como no setor automobilístico), não obteve os resultados esperados. Aliás, diga-se, a bem verdade, que andávamos na contramão do mundo desenvolvido, que ainda apaga os rescaldos da crise de 2008.

Não deu certo. Agora, com a posse do ministro Joaquim Levy, na pasta da Fazenda, e de Nelson Barbosa, no Planejamento, começaram os primeiros sinais do "aperto", infelizmente necessário e pouco palatável se eleitoralmente considerado. Vamos retornar à realidade à custa de sacrifícios, mormente para a classe média. Revisões na previdência, juros da casa própria em ascensão, negociação de reajustes salariais mais difíceis, tarifas de energia elétrica e transportes são, entre outros, itens em alta.

Desanima-nos ver o quanto perdemos com a corrupção e não só na Petrobras, onde a complacência de todos e a cumplicidade de alguns levou a companhia, orgulho nacional, ao descrédito e à vergonha até para seus funcionários mais dedicados e sérios.

Superaremos tal desafio?

O novo mote governamental - "Brasil, pátria educadora" -, pressupõe educação ao alcance de todos, com foco prioritário nas classes menos favorecidas. Educação é a alavanca do crescimento econômico, pois geradora de emprego e renda. Mas, também, se incluem nela a Ética e a Moral indispensáveis para consolidar o sentimento nacional de honra e respeito ao próximo. Corrupção não prestigia o respeito ao próximo. Como cidadãos brasileiros que amam sua pátria, todos torcemos para que as políticas econômica e educacional do País deem certo. Com elas, evoluímos no combate à pobreza e na melhoria da saúde publica, com reflexos na segurança.

Em que pese a sombria conjuntura nacional, temos a esperança de que os valores perenes de nossa Pátria prevalecerão sobre todas as adversidades e retornaremos ao nível de desenvolvimento esperado no cenário mundial.

Assim Seja!

MARCOS SANTOS/USP

Sumário

Revista da Adesg – Novembro/Dezembro de 2014 – Nº 288

CAPA:
Capa: Perspectivas 2015
– Os rumos do Brasil

DESTAQUES DA EDIÇÃO

4 **ENERGIA** – UMBERTO RAMOS DE ANDRADE

6 **EDUCAÇÃO** – ARNALDO NISKIER

8 **AGRONEGÓCIO** – ANTONIO ALVARENGA

12 **COMÉRCIO EXTERIOR** – PAULO F. MARCONDES FERRAZ

14 **A JUSTIÇA E O TEMPO ATUAL**
LUIZ FERNANDO R. DE CARVALHO

18 **MARINHA DO BRASIL; AVISOS HIDROCEANOGRÁFICOS**
– DOMINGOS SÁVIO A. NOGUEIRA

Aviso Hidroceanográfico 'Rio Negro": novas técnicas de sinalização dos rios da Amazônia

22 **EM TEMPO** – EDSON SCHETTINE DE AGUIAR

26 **EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA RONDON-ROOSEVELT: ANOTAÇÕES DE UMA VIAGEM**
HIRAM REIS E SILVA

30 **VIOLÊNCIA** – JOSÉ MOTA FILHO

CONSELHO EDITORIAL
V. ALTE. RICARDO ANTÔNIO DA VEIGA CABRAL
GEN.Bda. UMBERTO RAMOS DE ANDRADE
DESEMB. ANTÔNIO CARLOS ESTEVES TORRES
BRIG. ENGº MANOEL ANDRADE REBELO
PROFº EDSON SCHETTINE DE AGUIAR
PSIC. MARIJANE DE VASCONCELOS TAVARES
ENG.º CLÁUDIO ROBERTO FERREIRA CUNHA

DIRETOR RESPONSÁVEL
Gen. Bda. Umberto Ramos de Andrade

EDITOR
José Esmeraldo Gonçalves
(JJ Comunicação)

ARTE E DIAGRAMAÇÃO
Sidney Ferreira

COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA
Juvenil Siqueira

CONSULTORIA DE CAPTAÇÃO E APOIO CULTURAL
David Klajmic

Publicação bimestral
Novembro/Dezembro/2014
Ano 39 – N°288

ENDEREÇO:
Palácio Duque de Caxias
Praça Duque de Caxias, nº 25
Centro - Rio de Janeiro - RJ / CEP - 20221260
Tel: (21) 2262-6400 / Fax: (21) 2223-1834

ENDEREÇO ELETRÔNICO
www.adesg.org.br
http://adesg-an.blogspot.com
Email: adesg@.org.br

IMPRESSÃO
Ediouro Gráfica e Editora Ltda

Por **Gen Umberto R. Andrade**

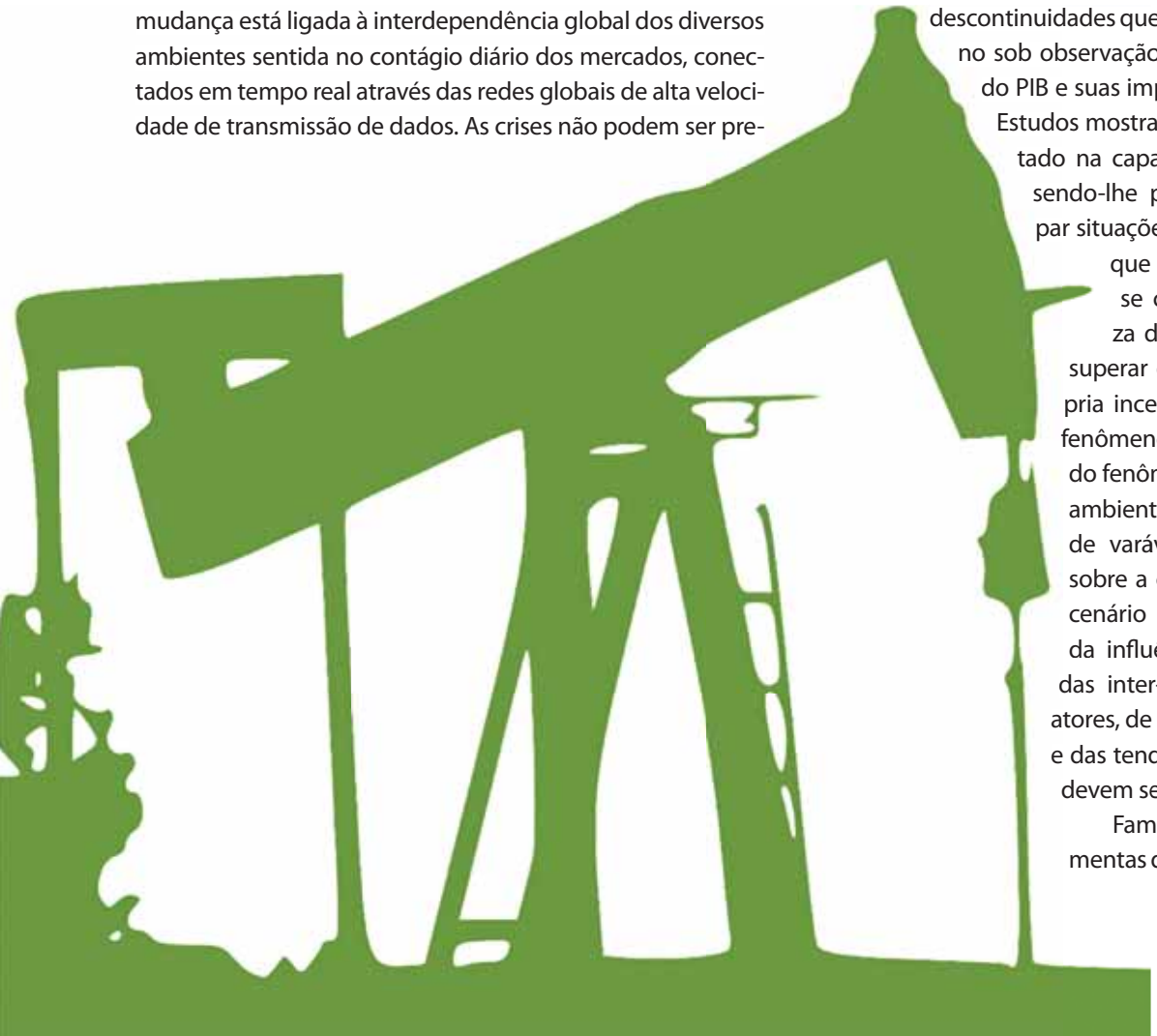
O PREÇO DA ENERGIA É A VARIÁVEL RELEVANTE

Os grandes desafios hoje enfrentados pela maioria dos países em todo o mundo estão intimamente relacionados com as contínuas e profundas transformações motivadas pelo vertiginoso desenvolvimento científico e tecnológico observado na segunda metade do último século. Particularmente as instituições sociais têm sofrido enormes impactos, provocados pelo freqüente emprego de novas tecnologias, que alteram hábitos, valores e tradições que antes pareciam imutáveis. Vive-se um mundo cambiante em que a certeza da continuidade das condições em vigor foi substituída pela transformação súbita. A velocidade de mudança está ligada à interdependência global dos diversos ambientes sentida no contágio diário dos mercados, conectados em tempo real através das redes globais de alta velocidade de transmissão de dados. As crises não podem ser previstas com base apenas nos fundamentos econômicos de um país. Entre as razões para a ocorrência de crises por contágio estão as relações de comércio, a desvalorização competitiva, a informação assimétrica e a presença de equilíbrios múltiplos.

A necessidade de tratar, simultaneamente, fatores quantitativos e qualitativos, descontinuidades estruturais e incertezas, associadas a estratégias de múltiplos atores deu origem à metodologia dos estudos prospectivos, usados no planejamento estratégico. O estudo dos cenários é uma forma de operacionalizar este processo.

Estudar o futuro implica em estudar as continuidades e descontinuidades que possam ocorrer no fenômeno sob observação, por exemplo, na evolução do PIB e suas implicações sócio-econômicas. Estudos mostram que o ser humano é limitado na capacidade de prever o futuro, sendo-lhe possível, entretanto, antecipar situações, manipulando as variáveis que afetam o fenômeno. A isto se chama estruturar a incerteza do futuro, o que implica em superar dificuldades relativas à própria incerteza e à complexidade do fenômeno estudado. Na modelagem do fenômeno, o matemático cria um ambiente ideal, reduzindo o número de varáveis relevantes que atuam sobre a organização considerada. O cenário idealizado será o resultado da influência das variáveis escolhidas inter-relacionadas, da ação dos atores, de eventuais descontinuidades e das tendências mais relevantes, que devem ser identificadas.

Familiarizados com estas ferramentas de planejamento, decidimos,



ainda em outubro, sobre o tema da Revista ADESG, a ser publicada agora em janeiro. O número trataria de perspectivas.

O ano de 2015 começou mostrando uma face nebulosa. A forte queda no preço do petróleo tem implicações internas e externas e é a variável mais relevante a ser considerada nas previsões do ano.
O preço que parecia estável, oscilando em torno dos US$ 110 o barril, alcança neste início de ano valores abaixo dos US$ 50, a mais baixa cotação desde 2010. Os últimos quatro anos deram uma falsa impressão de estabilidade, entretanto empresas como a Exxon e a Shell, desde 2013, vêm reduzindo investimentos, após mais de uma década colocando o dinheiro dos investidores em lugares remotos como o Ártico ou os profundos mares tropicais, sem resultados tangíveis.

Logo após a confirmação das reservas do pré-sal, em meados de 2008, o preço do petróleo alcançara níveis recordes, chegando a bater os US$145 o barril. O problema é que esta alta do petróleo não se sustentou. No final de 2008, o preço do barril desabou dos US$145 para US$35.

No momento, a crise que se avizinha tem origem na queda de braço entre os xeiques árabes e os produtores americanos de gás de xisto. Há a possibilidade de os árabes permitirem uma queda ainda maior nas cotações, inviabilizando os investimentos em Dakota do Norte e no Texas. Consultores estimam que o ponto de equilíbrio para estes novos produtores americanos estaria entre US$65 e US$70. A perspectiva de exploração do pré-sal contava com preços acima dos US$100. Contudo, a estratégia dos sauditas parece ser manter o atual nível de produção e deixar os preços caírem, colocando produtores de alto custo fora do negócio.

As dificuldades daí decorrentes serão sentidas em países fortemente dependentes da exportação de petróleo como a Rússia, a Nigéria e a Venezuela, que já se movimenta no sentido de recompor os preços em níveis mais confortáveis. A Petrobras também sente fortemente estes problemas. A redução de mais de 50% no preço do petróleo no mercado internacional e as dificuldades financeiras atuais podem levar o governo a repensar o modelo de partilha do pré-sal, que exige que a estatal seja a única operadora dos campos com, no mínimo, participação de 30%. Com a imagem e o caixa afetados pela sucessão de denúncias de corrupção e pela interferência do governo no setor energético, a petroleira viu seu valor de mercado cair a menos da metade. Diante desse quadro, a própria empresa já admitiu ter que reduzir investimentos.

A boa notícia é que o baixo preço do petróleo deve contribuir para a recuperação da economia mundial. Para se ter uma idéia, a cada US$40 retirados do preço do barril, US$1,3 trilhões são transferidos da renda dos produtores para o poder de compra dos consumidores. Países importadores como a Índia, Japão e Turquia irão se beneficiar dos baixos preços, aliviando de forma significativa suas contas externas Este quadro deve encorajar um aumento na demanda como um todo, inclusive por combustível. Estima-se que nos EUA, um consumidor típico que gasta por ano cerca de US$ 3.000 nas bombas de gasolina deve economizar uns US$ 800, que podem ser transferidos para o consumo de outros produtos. A economia americana, em lenta recuperação, agradece. Mas tudo isso pode levar a um aumento do consumo de petróleo durante o ano, fazendo com que as curvas de oferta e demanda encontrem outro ponto de equilíbrio. Em países com preços administrados, nem sempre as coisas ocorrem desta forma

As perspectivas para 2015 apontam para o acerto da aposta dos sauditas: preços baixos irão tirar do mercado os produtores menos eficientes, bem como aqueles de alto custo de produção. A adversidade pode, entretanto. tornar alguns setores mais fortes: produtores de gás de xisto vão buscar inovações tecnológicas, que resultarão em menores custos. Rapidamente estes produtores estarão de volta ao mercado, ao menor sinal de recuperação de preços, por causa dos baixos custos de instalação, ao contrário da onerosa exploração em águas profundas. A produção de petróleo em nossa plataforma continental continuará a exigir vultosos investimentos em equipamentos de exploração, competência gerencial, credibilidade e sorte. Nisto nossos previsores não podem ajudar.

GEN UMBERTO R. ANDRADE é Ph.D. em Ciências dos Materiais pela Universidade da Califórnia em San Diego e atual 1º Vice-Presidente da ADESG

Por **Arnaldo Niskier**

OS MESMOS ERROS NA EDUCAÇÃO

Não se trata de um exercício de adivinhação. Nem de uma data aleatória. Penso no Brasil das Olimpíadas de 2016. Por exemplo: ainda teremos 14 milhões de analfabetos puros? O vestibular ficará na saudade? E os salários dos professores estarão próximos de uma remuneração decente?

São referências a fatos que nos incomodam. Como é o caso da educação das crianças de zero a três anos de idade. É preciso que especialistas estrangeiros venham gozar as delícias dos trópicos e nos "ensinem" o que estamos cansados de saber? Josué de Castro e Nelson Chaves, ambos de Pernambuco, chamaram a atenção das autoridades para a necessidade de cuidar adequadamente (sobretudo com alimentação) dessa crucial faixa etária, quando as conexões cerebrais se organizam para sempre.

Vivemos hoje sob o estigma da baixa qualificação escolar. Não é um fenômeno somente brasileiro, pois o presidente Barak Obama, que afirma ter escolhido a esperança em lugar do medo, investe 500 bilhões de dólares anuais em educação. Ele está impressionado com a má performance de 5 mil escolas norte-americanas e as notas medíocres alcançadas nos exames internacionais (Pisa) de matemática, por exemplo: os Estados Unidos ficaram em 35º lugar, enquanto o Brasil alcançou o 54º, numa competição de 57 países.

No Brasil, existe uma clara mortalidade infantil pedagógica. O abandono escolar é uma realidade, embora o Governo tenha estimulado a valorização da escola por intermédio de ambiciosos projetos sociais, como o Bolsa Família.

Desde a sua elaboração, critico as metas quantitativas do Plano Nacional de Educação (2011-2020), demonstrando, como em ocasiões anteriores, que os números propostos não foram alcançados, dentro da melhor tradição brasileira. O exemplo significativo disso é a quantidade de adultos analfabetos.

Seria muito mais conveniente que escolhêssemos metas qualitativas para problemas que se estendem no tempo, como a falta de creches, a pouca atenção dada à educação infantil, a formação de professores e especialistas, a estrutura falha do ensino médio, a precariedade da educação profissional, o baixo número de universitários (estamos com 7 milhões, quando deveríamos ter ultrapassado os 10 milhões) etc.

MARCOS SANTOS/DIVULGAÇÃO

"SERÁ SEMPRE DIFÍCIL ESTIMULAR OS JOVENS DA CLASSE MÉDIA A ESCOLHER O MAGISTÉRIO COM SALÁRIOS QUE SÃO RECONHECIDAMENTE DOS MAIS BAIXOS DO MUNDO."

Partindo do princípio de que "conhecimento é poder", luta-se para reformar os currículos das escolas, abandonando a rigidez secular de currículos que não mais condizem com as necessidades dos que irão buscar de imediato o amparo no mercado de trabalho. Pode-se registrar um claro retrocesso, nos últimos 15 anos, mas a reação se nota pela vontade política de valorizar a AVALIAÇÃO, mais do que nunca presente no processo ensino-aprendizagem. Busca-se uma política de valores e não só de resultados: a classe média alta brasileira raciocina em níveis muito inferiores, por exemplo, aos europeus.

Existe a certeza de que "a aprendizagem é para toda a vida" (como vimos na Unesco) e que a gestão da escola é um elemento estratégico essencial. Aí surge a figura do diretor, que pode transformar esse quadro. Ele luta para vencer preconceitos descabidos, como o que existe no país contra o ensino profissional. A Constituição de 1937 afirmava que ele seria destinado "às classes menos favorecidas". Não seria exagero encontrar, no preceito constitucional, uma das causas principais da existência, hoje, de 7 milhões de jovens brasileiros sem emprego por absoluta falta de qualificação?

Com os nossos avanços econômicos, inclusive com as perspectivas do pré-sal, que poderá ter exploração potencializada nos próximos 10 anos, surgirão milhares de empregos, sobretudo de nível intermediário, nas áreas de Petróleo e Gás, transformando completamente as opções de recursos humanos.

Temos hoje 60 milhões de alunos frequentando as escolas brasileiras, em todos os níveis. Cerca de 33% da população, o que representa um número bastante expressivo. O ensino cresceu muito, nos últimos anos, sobretudo no fundamental. Mas quais são as perspectivas de melhorar a sua qualidade?

Há necessidade de mais recursos para a educação, que tem o terceiro orçamento da República, atrás somente de Saúde e Defesa. Deveremos chegar a 10% do PIB, para que todos os planos e projetos sejam viabilizados, no prazo determinado. Assim será possível vencer um dos maiores obstáculos da educação brasileira que é a remuneração do quadro do magistério. Temos cerca de 3 milhões de professores empregados (quase 500 mil no ensino superior), com a média salarial de 500 dólares, o que é muito pouco.

Devemos valorizar a atuação dos professores e especialistas, não só aperfeiçoando os seus cursos de formação (providência urgente), como remunerando adequadamente esse serviço fundamental para os planos de crescimento do país. Será sempre difícil estimular os jovens da classe média a escolher o magistério com salários que são reconhecidamente dos mais baixos do mundo. A estimativa é de que, nos próximos 5/6 anos, possamos triplicar os números atuais. E ainda assim estaremos abaixo de nações como as que foram batizadas de "tigres asiáticos".

É claro que nem tudo é criticável, na educação brasileira. Temos algumas razões de orgulho, como a performance da pós-graduação, a universalização do ensino fundamental e, para não ir muito longe, o crescimento exponencial do ensino à distância (EAD), em que hoje estamos com mais de 1 milhão de estudantes. Pode-se elogiar também o Pronatec.

Do ponto de vista de recursos financeiros, a cobertura dada à área da Educação e Cultura continua insatisfatória. Em breve devemos atingir os 10% do PIB para a Educação, enquanto a Cultura, sua irmã siamesa, vive à míngua, sem poder investir o que seria necessário. Querem um exemplo? O setor de patrimônio artístico e cultural tem milhares de casas e igrejas para restaurar, em todo o país, mas os seus dirigentes choram a ausência de meios.

A separação de Educação e Cultura, que andaram juntas muitos anos, foi uma decisão lamentável, como se vê na prática. Posso exemplificar com o quadriênio em que dirigi a Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (1979-1983), quando foi possível socorrer a Cultura de forma acentuada, levando-se em conta que a SEEC dispunha de 25% do orçamento estadual, como é dispositivo constitucional. E a Cultura vive de pires na mão, dependendo da boa vontade das autoridades, o que nem sempre acontece (ou quase nunca). Assim, foi possível reformar a Escola de Teatro Martins Pena e o Instituto Villa-Lobos, que estavam em petição de miséria. Não se conhece a vantagem dessa triste separação.

ARNALDO NISKIER é membro da Academia Brasileira de Letras, presidente do Centro de Integração Empresa-Escola/Rio e ex-aluno da ESG (1975), Turma Alte. Álvaro Alberto.

Por **Antonio Alvarenga**

O AGRONEGÓCIO É UM INEGÁVEL SUCESSO

Em pouco mais de 40 anos, o Brasil deixou de ser um país importador de alimentos e tornou-se um dos maiores e mais eficientes produtores e exportadores de produtos agropecuários do planeta.

Atualmente somos o maior produtor de café, cana de açúcar e laranja do mundo; o segundo maior produtor de soja e o maior exportador mundial de carnes. Em breve seremos o principal pólo mundial de algodão e de biocombustíveis e um dos maiores fornecedores de madeira, papel e celulose.

Essa vigorosa e bem sucedida transformação foi embasada no desenvolvimento e aplicação de tecnologias apropriadas às nossas condições de solo e clima. Incorporamos grandes áreas do cerrado ao processo produtivo, conquistamos ganhos sucessivos de produtividade e estamos obtendo em muitas regiões duas safras de grãos por ano.

O progresso do agronegócio tem sido sustentado pelo crescimento da demanda global por alimentos. Essa de-

manda é decorrente do aumento da população, associado ao acelerado processo de urbanização e à elevação de renda que vem ocorrendo em alguns países em desenvolvimento.

Estima-se que em 2050 a população mundial atingirá nove bilhões de habitantes. São 213 mil novas bocas por dia, ou 78 milhões por ano.

Nas próximas décadas, o desafio das nações será equacionar a oferta de alimentos para os novos habitantes do planeta. Não é tarefa fácil, principalmente se levarmos em conta que temos atualmente cerca de 1 bilhão de pessoas subnutridas.

Caberá ao Brasil desempenhar importantíssimo papel na solução dessa equação, que envolve segurança alimentar e sustentabilidade, sobretudo nos próximos 20 ou 30 anos, enquanto novas áreas no mundo não venham a ser incorporadas ao processo produtivo.

Nossos produtores saberão responder positivamente a esse desafio. Temos terra, água, clima, tecnologia e mão de obra qualificada para atender à crescente demanda global por produtos de origem agropecuária.

O Brasil possui grandes extensões de terras degradadas em decorrência de seu uso equivocado e da adoção de práticas inadequadas de manejo. A reabilitação desses espaços permitirá a expansão de nossa produção agrícola, preservando os elevados índices de sustentabilidade ambiental.

SECOM/MT

"NÃO ADIANTA DISPOR DE TECNOLOGIA INOVADORA. É PRECISO QUE ELA SEJA TRANSFERIDA PARA OS AGENTES DE PRODUÇÃO"

Além da incorporação de novas áreas de produção, será preciso conquistar ganhos de produtividade com a adoção de novas tecnologias. E isso só será possível disponibilizando aos produtores amplo acesso às inovações tecnológicas produzidas nos diversos centros de pesquisa e universidades do país.

Não adianta dispor de tecnologia inovadora. É preciso que ela seja transferida para os agentes de produção, que poderão testá-la e aplicá-la na prática do dia a dia de suas atividades. Adotar uma nova tecnologia é tão importante quanto desenvolvê-la.

Nossos produtores trabalham muito e enfrentam dificuldades de toda ordem para fornecer alimentação farta e barata para 200 milhões de brasileiros e ainda gerar excedentes exportáveis de mais de U$ 100 bilhões.

Esse robusto desempenho permite ao país suportar o enorme déficit da balança comercial dos demais setores da economia. É difícil imaginar o que seria da economia brasileira se não fosse o vigoroso sucesso de nosso agronegócio.

O Produto Interno Bruto (PIB) do agro representa cerca de 23% do PIB total da economia brasileira, sendo que as atividades agrícolas correspondem a 70% , e a pecuária cerca de 30%.

A safra de grãos de 2014/15 deverá superar 200 milhões de toneladas - um recorde histórico para o país. A soja é o produto que tem o melhor desempenho, atingindo 95 milhões de toneladas.

No caso da criação de animais, o Brasil tem aproximadamente 209 milhões de bovinos - o maior rebanho comercial do mundo. É o segundo maior produtor de carnes e o maior exportador mundial. Em 2014 produzimos cerca de 26 milhões de toneladas, o que representa em torno de 10% da produção global de carnes. Neste caso, o potencial também é enorme. O mercado externo mostra-se cada vez mais favorável às exportações brasileiras de carnes.

AS OPORTUNIDADES SÃO CLARAS E DEVEMOS APROVEITÁ-LAS. SOMOS UMA NAÇÃO QUE PRECISA CRESCER.

Temos uma das maiores e mais avançadas agriculturas do planeta, mas isso não significa que o homem do campo não tenha seus problemas.

No caso do comércio exterior, um dos maiores entraves para o setor é a precariedade de nossa infraestrutura de transporte, armazenagem e logística de comercialização e exportação.

Somos muito eficientes "da porteira para dentro", mas nossa infraestrutura não acompanhou o crescimento do agronegócio, afetando duramente sua competitividade com sérios prejuízos aos produtores. Para se ter uma ideia, o custo do frete no Brasil chega a ser quatro vezes maior que em outros países exportadores do agronegócio, como é o caso dos EUA e da Argentina.

Para ampliar sua participação no comércio internacional de produtos agropecuários, será preciso dispor de uma política comercial mais objetiva, com flexibilidade e autonomia para negociar novos acordos. Neste caso, é importante focar em alguns aspectos, tais como:

1) Abrir novas frentes de negociação com os principais mercados, como os Estados Unidos, China e outros países da Ásia e do Oriente Médio;
2) Celebrar acordos bilaterais - modelo responsável por 40% do comércio mundial de alimentos;
3) Propor um programa de segurança alimentar global entre grandes países produtores para a formação de estoques reguladores, em articulação com o PMA, a OMC e a FAO;
4) Eliminar ou reduzir barreiras tarifárias e não tarifárias;
5) Estruturar a coordenação dos adidos agrícolas no Ministério da Agricultura e criar novos postos em países estratégicos, com maior presença nos organismos internacionais de referência da OMC;
6) Atuar em mercados prioritários por meio de parcerias público-privadas, visando a expandir mercados e a estimular a demanda;
7) Estimular a expansão de mecanismos de certificação de produtos com selos de sustentabilidade;
8) Atrair empresas globais para empreendimentos em que o Brasil seja relevante fornecedor mundial de matéria-prima, para agregar valor nas exportações.

Há muitos interessados em investir no agro brasileiro. Para tanto, faz-se necessário proporcionar maior segurança jurídica e econômica aos empreendedores do setor.

As oportunidades são claras e devemos aproveitá-las. Somos uma nação que precisa crescer, proporcionar emprego e boas condições de vida aos brasileiros. Não podemos impedir o progresso de nosso agronegócio. Vamos dar maior atenção e apoio à produção agropecuária. O Brasil precisa alimentar os novos habitantes do planeta.

ANTONIO ALVARENGA é Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA)

MYKE TOSCANO/SECOM/MT

VAGNER CAMPOS/A2

O Sistema Cantareira, em São Paulo, deu o primeiro sinal da escassez, que agora ameaça o Rio de Janeiro, Minas Gerais e o sistema elétrico.

A CRISE HÍDRICA

Em 2014, o Brasil parece ter se dado conta de que a água não é uma fonte inesgotável. Para um leigo, a surpresa até se justifica. Como pode secar a torneira de um país que ocupa o primeiro lugar em disponibilidade hídrica em rios do mundo, concentrando cerca de 12% da água doce proveniente de fontes fluviais?. Infelizmente, o desperdício, a poluição e a rápida urbanização comprometem esses recursos. A falta de chuvas na atual temporada foi o indutor de uma crise que apenas esperava para acontecer. Segundo relatório do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), em números consolidados de 2013, o Brasil desperdiçou 37% de toda a água tratada, número equivalente ao registrado em 2012. Algumas cidades da Alemanha, por exemplo, registram apenas 11% de perdas. Embora o consumidor deva mudar de hábitos, não é ele o principal culpado: a maior parte desse volume perde-se em vazamentos de adutoras, redes e reservatórios. Especialistas apontam como medidas urgentes, investimentos em sistemas sanitários mais eficientes, individualização da hidrometria, para que o consumidor possa controlar seu gasto, maior fiscalização, aperfeiçoamento de técnicas de irrigação, despoluição de mananciais, aproveitamento de água da chuva e reúso de água, com canalização paralela em edifícios, entre outras medidas.

No caso do Brasil, chuvas abaixo da média histórica afetam, além do consumo, a energia, já que a nossa matriz é predominantemente hídrica com as usinas hidrelétricas gerando cerca de 75% da eletricidade produzida no país. Para a relatora da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Direito à Água e ao Saneamento, Catarina Albuquerque, a lição que fica dessa crise hídrica é a necessidade de planejamento e de ver a água como um bem precioso e escasso, indispensável à sobrevivência humana. Há exemplos em todo o mundo. Recentemente, a BBC levantou modelos de iniciativas em diversas cidades que tentam solucionar crises de abastecimento. A China, que tem apenas 6% da água do planeta, apela para transposição de água do sul para abastecer Pequim. Perth, na Austrália, usa estações de dessalinização. E, durante uma década, injetou nos lençóis subterrâneos a água usada pela população, já tratada. Depois que o solo arenoso funciona como filtro natural, a água pode ser extraída para consumo ou irrigação. O processo é experimental. Já Nova York investe em proteção ambiental de mananciais, como forma de evitar maiores gastos na busca de novas fontes de abastecimento. A Espanha, que passou por graves secas na década de 1990, identificou que seu problema principal não era a falta de chuvas mas o desperdício. Por isso, faz ações de conscientização. A Cidade do México, que frequentemente sofre racionamento, estuda utilizar aquíferos profundos. A Cidade do Cabo, na África do Sul, criou um programa-piloto para reforma de encanamentos domésticos deteriorados. Já no Brasil, nos últimos meses, enquanto o problema se agravava, a discussão deu-se mais em torno da culpa - se é federal, estadual ou municipal -, do que da solução. A expectativa é que o alerta da escassez promova, a partir de agora, a ação conjunta desses poderes e que a iniciativa privada seja chamada a fortalecer essa parceria. Enfim, que a água entre, de fato, nas agendas administrativas.

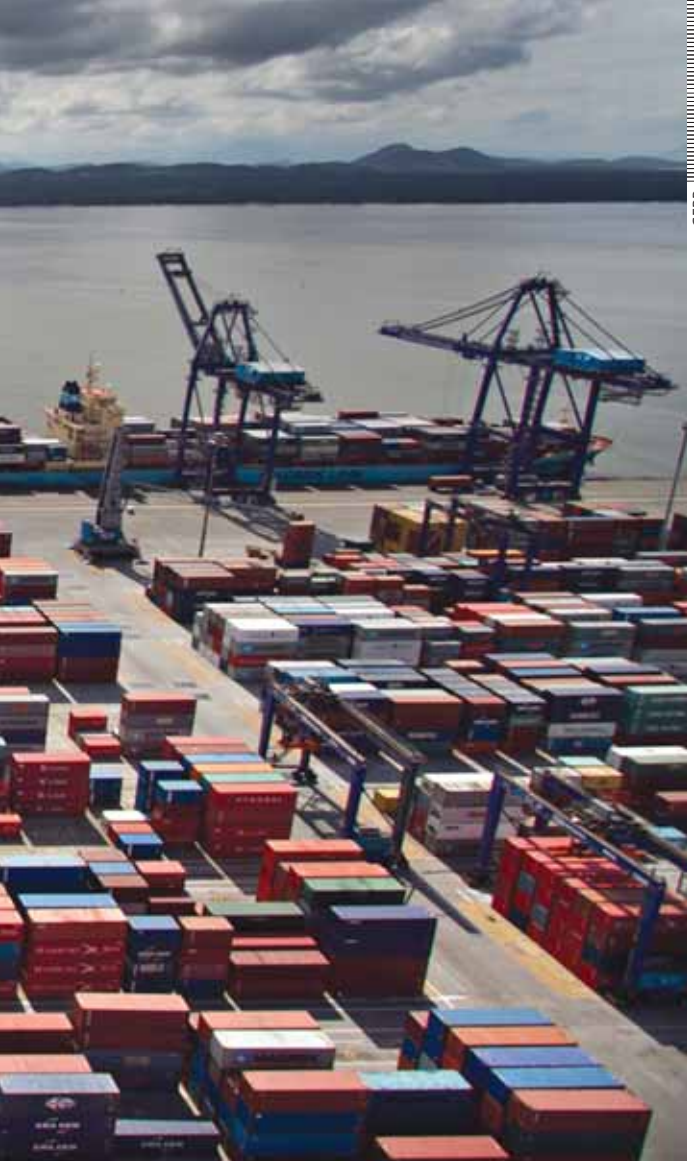
(por ***Redação - Adesg***)

COMÉRCIO EXTERIOR: cenários para um Brasil em

O Brasil está entre as dez maiores economias do mundo, mas apenas na 22ª posição quando o ranking tratado é o de países exportadores. Diante de sua imensidão territorial e potencial agrícola, suas reservas minerais amplas e diversificadas, potencial hídrico e solar para geração de energia e mão de obra qualificada, o que impede o Brasil de se tornar um dos grandes players exportadores? É preciso uma reforma estrutural para eliminar os entraves e deficiências internos que dificultam, entre outros fatores, o melhor escoamento da produção, o que certamente deixaria os preços mais atrativos. Muitos são os obstáculos para que o país retome a rota de crescimento nos próximos dois anos. O primeiro passo é romper com o chamado Custo Brasil. A burocracia, a carga tributária e os problemas estruturais comprometem a competitividade, dificultando o comércio exterior. É preciso que haja mais investimento em inovação tecnológica. Essas resoluções só são alcançadas por meio de acordos mais amplos com outros países e de parcerias entre governos e empresários, ou seja, por meio da abertura de novos mercados e de acordos comerciais.

O GOVERNO DEVERIA COLOCAR EM PAUTA UMA POLÍTICA EXCLUSIVA VOLTADA AO COMÉRCIO EXTERIOR E NÃO PULVERIZADA EM VÁRIOS MINISTÉRIOS

Em um cenário internacional menos favorável, urge a necessidade de iniciativas, como as da Federação das Câmaras de Comércio Exterior do Rio de Janeiro (FCCE), de realizar parcerias e seminários de olho em novos mercados. Em 2014, a FCCE realizou mais de 15 roda-



GERP

Por **Paulo Fernando Marcondes Ferraz**

marcha lenta

das de negócios com 10 países diferentes incentivando a ampliação do comércio bilateral. Para 2015, estamos em negociação para rodadas de negócios tanto no Brasil quanto fora do país, como a que faremos no Chile, durante a Copa América. Para os próximos dois anos, o agronegócio continuará ocupando o primeiro lugar na pauta de exportação, pois conta com um mercado disposto a consumir esses produtos. As exportações de carnes, por exemplo, devem aumentar ainda mais o ritmo, devido à maior abertura de mercados como a Rússia, que sofre embargo europeu e precisa vender e comprar de outros destinos. A China também continuará sendo um grande parceiro. Manteremos a exportação de soja a carne por muitas décadas, mas precisamos abrir caminho para que vestuários, produtos químicos, tecnologia ligada a etanol, fármacos, tecnologia aeronáutica e determinados segmentos de máquinas e equipamentos brasileiros ganhem espaço no mercado chinês. Porém, outros produtos precisam, além de mercado consumidor, de mais investimentos em tecnologia para que se equiparem aos demais países exportadores. A história da inovação tecnológica. Se o Brasil perceber a importância de melhorar o desenvolvimento de produtos com maior valor agregado, outros setores tendem a ganhar força.

Além disso, o governo deveria colocar na pauta uma política exclusiva voltada ao comércio exterior e não pulverizada em vários ministérios. A maioria das operações realizadas no comércio internacional conta com negociações de médio a longo prazo, desde a avaliação à firma do contrato, especialmente com relação aos produtos manufaturados. Com o quadro econômico hesitante em que o país se encontra, não haverá milagre: a participação brasileira no comércio mundial em 2015 ficará próxima a 1,15%, uma sucessão de quedas desde 2011, quando ficou em 1,41%. E este número pode piorar. A forte queda nos preços do petróleo pode beneficiar, principalmente, o crescimento da economia da zona do euro. Com o óleo mais barato, há impulso para o avanço econômico da Alemanha e demais países do bloco. Embora as empresas americanas de xisto estejam sendo apontadas como as que mais devem sofrer com o barril no patamar de US$ 50, há uma nova corrente de analistas que afirma que Canadá, México, Nigéria, Rússia e, claro, Brasil, tendem a sofrer mais já que necessitam de vultosos investimentos para tirar do papel seus projetos de óleo e gás. O nó é que nas empresas dos EUA, cujo potencial de exploração é de larga escala, há baixo custo de capital e curto prazo para iniciar a produção, realidade inversamente proporcional à verificada nos outros países mencionados.

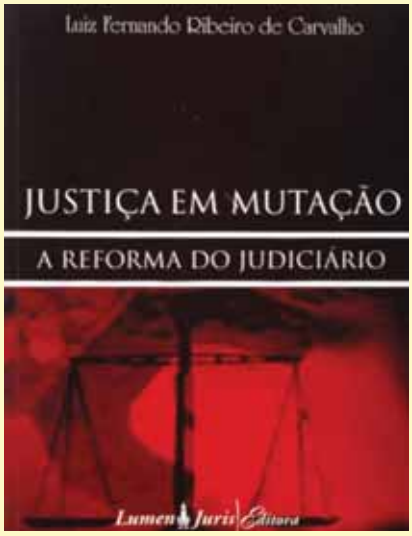
Para potencializar as oportunidades em relação à exportação brasileira, o governo deve elaborar uma política integrada voltada ao comércio exterior, o que vemos hoje são várias políticas isoladas pulverizadas por diversos ministérios. Se houver um foco objetivando eliminar boa parte dos entraves existentes e com vistas a melhorar os serviços de infraestrutura, não há dúvida de que haverá um efeito positivo sobre os ganhos de comércio.

PAULO FERNANDO MARCONDES FERRAZ é Presidente da Federação das Câmaras de Comercio Exterior

Por **Des. Luiz Fernando Ribeiro de Carvalho**

O JUDICIÁRIO E O TEMPO ATUAL

Já se aproxima o sétimo ano após a edição de "Justiça em Mutação – A Reforma do Judiciário", no qual fiz uma reconstituição de, àquela altura, quinze anos de história vivida entre o exercício da jurisdição e militância associativa intensa. Presidi a AMB –Associação dos Magistrados Brasileiros no biênio 98/99, quando se prenunciavam os resultados da Reforma do Judiciário, introduzida pela da EC 45/2004.



Vieram a súmula com efeito vinculante e o Conselho Nacional de Justiça. Ratificaram-se temores acerca do desequilíbrio entre estados e União, no que se denominava incompatibilidade com o pacto federativo. O ambiente justificava a conclusão: a debilitação político-econômica tinha sintomas de desconstituição do sistema federativo, improvável, diante de sucessões de escândalos gestados no Poder Central. Longe das medidas legislativas de aprimoramento dos códigos, para eliminação de problemas crônicos que se anunciam através da morosidade decisória, a reforma teve um leve sabor de "plus ça change, plus c'est la même chose" (quanto mais se muda, mais fica a mesma coisa). A escolha de ministros de tribunais continua centralizada na vontade reinícula do Chefe do Executivo e o espectro repressivo de uma espécie de ouvidoria judicial, que não levaria a lugar algum, no caminho do interesse da população.

Faz parte das considerações originais a advertência de que a reforma do Judiciário, como um avanço cultural, não surge como mera consequência de um texto. Adotando a lição de um grande professor italiano, Mauro Cappelletti, asseverou-se que a imprescindibilidade da mudança, seguramente mais profunda e difícil, é a do "metodo di pensiero".

Essa ou essas mudanças, que, em linhas de doutrina social, acabam por criar monstros conceituais falaciosos, como considerar o crescimento, por si só, produzir igualdade, quando medidas econômicas acabam por produzir desemprego ou pobreza, mesmo diante de exercícios de notória eficiência.

A tese da imprestabilidade da eficiência e do crescimento para redução de desigualdade, vinda de pensamentos de um grande economista, detentor de prêmio Nobel, Joseph Stiglitz, professor da Universidade de Colúmbia, Nova York, ainda não se esgotou, tanto é assim que, ainda sobre o mesmo tema e com temores mais específicos, está em voga obra de um francês, Thomas Piketty, também professor, "O Capitalismo no Século XXI", que demonstra a dificuldade de se eliminar a desigualdade.

O CIDADÃO, QUE NÃO ENCONTRA SOLUÇÃO PARA SEUS PROBLEMAS, NÃO QUER SABER DE ENTRAVES POR QUE PASSAM OS MAGISTRADOS

Antes que acabe por me perder nos meandros descritivos das mazelas e obstáculos da especialidade jurídica, um primeiro grande impeditivo à compreensão, porque a linguagem não encontra um veio comum capaz de possibilitar o acompanhamento do raciocínio, é preciso facilitar o alcance do que se está dizendo: de forma objetiva e incisiva, a despeito de carente de maiores depuramentos, o cidadão, que não encontra solução para seus problemas, não quer saber de entra-

STOCK IMAGE

ves por que passam os magistrados, afogados em processos (são milhões pelos tribunais) e muitas vezes sem condições materiais de trabalho. Para todo e qualquer cidadão brasileiro, qualquer algarismo acima de cinco mil reais é tesouro. Para o magistrado, que se ocupa de julgar em comarcas afastadas dos centros políticos, obrigatoriamente, vestido no indefectível terno e gravata, compungido a manter residência na sua jurisdição, a adotar medidas de reserva social, que, naturalmente, o afastam dos lugares populares em que pode atender suas necessidades básicas, não faz suas refeições em estabelecimentos mais econômicos, além de, e principalmente, financiar seus estudos e aprimoramentos (para tanto, todos passamos a depender da tecnologia da informação, a famosa TI, exigente de equipamentos caros e com atualizações inviáveis), se se pudesse computar em moeda o justo para a manutenção de sua reputação e destaque social, certamente os salários que lhes são pagos teriam que ser multiplicados. Quem o diz e disse é Sua Excelência, o Senhor Ministro Presidente da Corte mais alta do país, Ricardo Lewandowski, cujo antecessor, Ministro Joaquim Barbosa, aposentou-se com largas críticas ao sistema administrativo do Poder e, um chefe anterior, Mininstro Cezar Peluso, disse, com todas as letras, ninguém lê dez mil processos por ano.

Os poderes em exercício, por alguma razão suicida, se ocupam em piorar a imagem e o conceito da magistratura. Como dizíamos: "Com efeito, é forçoso reconhecer que somos, magistratura e imprensa, um para o outro e na reciprocidade de um desconhecimento institucional desestruturante, ilustres desconhecidos, ainda que saudavelmete condenados a uma convivência..."

Os resultados dessa convivência forçada pelas circunstâncias são antissociais, no que respeita o interesse público. Ora, a divulgação da notícia é filha direta do mais completo desconhecimento do que se faz ao garantir a efetividade do devido processo legal e do contraditório (critica-se a soltura de um acusado, sem se tomar o cuidado de explicar que a soltura seria o próprio cumprimento da lei), ora, o clamor da notícia nasce de interesses em produzir o escândalo vendedor da notícia. Procurem saber o que foi o episódio da Escola de Base, em São Paulo. Vidas destruídas pelo estrépito da mentira.

REPRODUÇÃO

Deixe-me repetir parcela da tentativa da explicação da amplitude da função do juiz. Antes o magistrado limitava-se a manifestar-se nos autos e aplicar a letra fria da lei. De um momento para o outro, passa a – com a prevalência dos princípios que informam os direitos e garantias fundamentais (art. 5º da CRFB) – figurar como o conduto da cidadania, garante a aposentadoria, livre do estigma do confisco; resguarda o salário em face dos mirabolantes e sucessivos "pacotes" econômicos; obriga a instituição operadora do seguro-saúde a cumprir sua missão social, atendendo doentes graves e em estado terminal; protege pais contra o aumento excessivo de mensalidades de pseudoescolas e falsas faculdades, desgraças do sistema educacional no país.

A REFORMA DO JUDICIÁRIO, INICIADA HÁ DEZ ANOS, AINDA NÃO TEM HORIZONTE DEFINIDO

Para quem estiver destinando seu tempo à leitura dessas palavras poucas, há de nos prestar o imenso obséquio de perceber nelas a sinceridade dos propósitos. Estamos repetindo tentativas anteriores de explicar a configuração do Poder que, longe da mais completa isenção a críticas, deseja recebê-las na vertente construtiva. É preciso que a sociedade esteja efetivamente informada. Mas existe um enorme vazio – resultante de grande desinformação acerca do Judiciário, de sua natureza e estrutura, da possibilidade de correto esclarecimento pelos meios de comunicação, pelo próprio Judiciário e pelos advogados, para que se possa avaliar o caráter da atuação de entidades e associações, viabilizando o afastamento de políticas meramente corporativas. Embora evidentes as carências do aparelho judicial e as dificuldade de acesso a ele, é imprescindível o exame objetivo para a superação. Alguém pode informar o que foi feito do exemplar da Cartilha da Justiça, redigida em linguagem popular, na busca de informar o cidadão? Alguém consulta a edição do Código de Defesa do Consumidor, obrigatoriamente mantido ao alcance do cidadão, em todo estabelecimento comercial? Sejamos francos. Temos nossos defeitos e mazelas. Mas, o desinteresse forjado pelas distorções informativas agrava o quadro e torna o caminho das soluções penosamente obstruído.

Estamos, portanto, de acordo com o reconhecimento de que o ótimo é inimigo do bom. Temos limitações. Como diz um velho companheiro, para sonhos de águia, pulos de sapo. Aliás, como se costuma dizer, jocosamente, se forem respeitados os direitos constitucionais do cidadão, a imprensa for livre de pressões políticas, a educação tratada como prioridade, o Congresso gozar de credibilidade e o Judiciário se fizer respeitar pela independência, corremos o risco de cair numa democracia.

A reforma do Judiciário, iniciada há mais de dez anos, ainda não tem horizonte definido. A efetivação das cautelas contra o nepotismo, a experiência do comando financeiro pelos Tribunais, as mecânicas tendentes a reduzir a duração do curso processual. Continua-se a trabalhar nessa direção. Como anteriormente dito, é justificada a ansiedade nacional pela superação dos entraves e obstáculos que retardam, de maneira insuportável, a reforma do Judiciário. Reforma que, fiel ao matiz democrático, venha facilitar, afinal, a ampliação do acesso à Justiça como forma de aproximação ao ideal/sentimento de uma ordem jurídica mais justa, fun-

dada nos valores constitucionais e éticos de liberdade, igualdade, fraternidade, solidariedade e diversidade. A reforma que se deseja é a que represente, então e antes de mais nada, uma profunda revisão cultural: dos juízes, advogados, promotores e defensores públicos, e servidores da justiça em relação à premente necessidade de reformulação de princípios e valores que, convertidos em dogmas, se reduzem à esterilidade.

Essas palavras foram ditas há sete anos. As modificações não foram efetivamente suficientes. A implementação da súmula vinculante e a mecânica do recurso repetitivo, apesar de sustar o curso da criatividade, indubitavelmente, impõe uma redução do caminhar processual e assimila a tendência de entendimentos. Não é o bastante, mas já ajuda. O Conselho Nacional de Justiça, a despeito de uma inauguração claudicante e incompatibilizada com a preservação do princípio federativo, tem evidente potencial para viabilizar o aprimoramento do Judiciário. O controle administrativo impede o desajuste na jurisdição. Nessa linha o órgão é bem-vindo.

O CIDADÃO ESTÁ MAIS CONSCIENTE DOS SEUS DIREITOS E NÃO HESITA EM LUTAR POR ELES

No cenário brasileiro e mesmo no mundial (vejam que decisões judiciais em território americano, em suporte de ações policiais, reeditam disputas étnicas que, na realidade, nunca deixaram de existir, desde a Guerra de Secessão, em meados do século XIX, nos Estados Unidos, só que, agora, após o caso Rodney King, há duas décadas, vencedor de uma ação de perdas e danos, a vítima foi indenizada com quantia considerável, os casos se multiplicam, indignados os cidadãos com a absolvição de agentes que mataram o detido em frente às câmeras de televisão. Entre nós, Amarildos continuam a desaparecer) houve mudanças configuradoras de uma nova ordem social. O cidadão está mais consciente de seus direitos e não hesita em lutar por eles. Mesmo com a deficiência de nossos eternos Planos Educacionais, o analfabetismo não progride em velocidade desesperadora e os meios de comunicação, quando não aproveitam a ignorância do povo, passam a informar e estimular o aprendizado. Em decorrência dessa nova consciência, o Judiciário se adapta como pode às exigências do cidadão, na busca, cada vez maior, da justiça rápida para a solução de conflitos e garantia dos direitos, que saem objetivamente do papel. Muito do que ficou registrado nessa manifestação em homenagem aos integrantes da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, onde, ao menos uma vez ao ano, temos prestado nossa colaboração no dever de desmistificar o Poder Judiciário, talvez necessite de um aprimoramento de linguagem, para a consecução do principal objetivo: apresentar aos valorosos associados, estudiosos das questões brasileiras, o painel de dificuldades que nos assombram, a despeito de não serem suficientemente impressionantes, a ponto de esmorecer nosso entusiasmo. Contamos com a elite verdadeiramente interessada em fazer do país o lar do cidadão, sua terra, seu orgulho, para o bom sucesso de nossas ações.

DES. LUIZ FERNANDO RIBEIRO DE CARVALHO é Presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ)

O Brasil tem uma imensa área marítima a proteger. Mas está longe de exibir uma capacidade de projeção de poder compatível com sua importância.

Por **Vice-Almirante Domingos Sávio A. Nogueira**

Aviso Hidroceanogáfico "Rio Negro"

Marinha do Brasil ativa o serviço de sinalização náutica do noroeste

No dia 22 de outubro de 2014 foi ativado, na cidade de Manaus-AM, o Serviço de Sinalização Náutica do Noroeste (SSN-9), fruto de investimentos oriundos do Programa Calha Norte, com o propósito de atender à demanda pelo conhecimento cartográfico da Amazônia Ocidental, devido ao incremento do tráfego mercante comercial e do crescente interesse da Marinha do Brasil na região. Subordinada ao Comando do 9º Distrito Naval, a área de jurisdição é formada pelos Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, região essa conhecida como Amazônia Ocidental. Para ilustrar a importância da criação do SSN-9, na definição do Ministério dos Transportes temos: "As hidrovias de interior podem ser rios, lagos e lagoas navegáveis que receberam algum tipo de melhoria/sinalização/balizamento para que um determinado tipo de embarcação possa trafegar com segurança por esta via".

Diante desse conceito e com o aumento significativo do volume do tráfego comercial, em decorrência do escoamento do petróleo e GLP de Urucu, da soja e fertilizantes pelo rio Madeira, de eletroeletrônicos e automotivos produzidos na Zona Franca de Manaus,

entre os mais significativos, em termos econômicos, a opção hidroviária possibilita a redução de tarifas e fretes na circulação de pessoas e cargas, potencializando diversas atividades produtivas. Na Amazônia, estima-se que a extensão das vias navegáveis da região, para efeito de embarcações de médio e grande porte, seja da ordem de 22.000km (equivalente a, aproximadamente, duas vezes e meia a extensão do litoral brasileiro), dos quais 10.385km estão na Amazônia Ocidental, o que, aliado à enorme e frequente variabilidade das características morfológicas do leito e das margens dos principais rios da Bacia Amazônica, requer esforço elevado e sistemático para a atualização da cartografia náutica da região.

SERVIÇO DE SINALIZAÇÃO NÁUTICA DO NOROESTE

Essa nova Organização Militar tem por missão realizar os Levantamentos Hidrográficos nos principais rios da Amazônia Ocidental, mantendo atualizado o conhecimento de seu canal navegável e propondo melhorias técnicas na sinalização existente, bem como apoio aos órgãos e entidades responsáveis pela sinalização náutica, contribuindo para a orientação e a coordenação do planejamento, controle e execução das atividades afetas a essa área, propondo modificações nos sinais náuticos sempre que for necessário, em função de alterações de batimetria ou das características do tráfego fluvial ou quaisquer outras que visem ao seu aperfeiçoamento. As instalações possuem salas projetadas para facilitar a análise e produção cartográfica, contando com equipamentos modernos, pessoal capacitado, além de sua localização próxima ao Rio Negro, o que reduz os custos logísticos, tanto com a condução dos serviços afetos à cartografia como à fiscalização da sinalização náutica. O SSN-9 possuí também três navios projetados

Navio Hidroceanográfico Fluvial "Rio Branco"

Com cerca de 70% de conteúdo nacional, o NHoFlu "Rio Branco" teve seu projeto de concepção realizado pelo Centro de Projetos de Navios, tendo sido posteriormente detalhado pelo estaleiro INACE, contratado após ter sido selecionado em processo licitatório. Tal comprometimento com a construção do NHoFlu pelo estaleiro demandou um incremento em sua capacidade tecnológica na construção de navios militares e de pesquisa, gerando empregos e contribuindo para o fortalecimento da indústria naval. Destacam-se os aprimoramentos introduzidos nas linhas de casco, que possibilitaram a redução do custo de posse do navio, moderno Sistema de Controle e Monitoramento (SCM) e sistema de sanitários a vácuo e de uma Unidade de Tratamento de Águas Servidas (UTAS), que incorporam conceitos de sustentabilidade, em atendimento aos Diplomas Ambientais vigentes.

O navio será empregado na coleta de dados hidroceanográficos e em atividades inerentes à segurança da navegação. Adicionalmente poderá ser usado na formação e adestramento de pessoal, nas ações de presença em função de necessidades da política externa brasileira, na coleta de dados ambientais em apoio ao planejamento e à execução de operações ribeirinhas e em missões de esclarecimento. Também poderá realizar, de maneira limitada, socorro e obtenção de informações operacionais, em apoio aos órgãos governamentais, na Defesa Civil, nas Ações Cívico-Sociais e na preservação do meio ambiente, bem como prover apoio logístico restrito aos Avisos Hidroceanográficos Fluviais (AvHoFlu), durante a realização de campanhas hidroceanográficas.

FOTOS: MB

NHoFlu "Rio Branco": concepção do Centro de Projetos de Navios, detalhamento e construção do estaleiro INACE.

Prédio do Serviço de Sinalização Náutica do Noroeste (SSN-9).

Aviso Oceanográfico "Rio Solimões"

para conduzir os serviços de campo, sendo dois Avisos Hidroceanográficos Fluviais, o AvHoFlu "Rio Solimões" e o AvHoFlu "Rio Negro", com capacidade de realizar levantamentos hidrográficos com ecobatímetro monofeixe, e um Navio Hidroceanográfico Fluvial, o NHoFlu "Rio Branco", que pode também operar com ecobatímetro multifeixe, coletar dados ambientais e realizar apoio à pesquisa de campo.

AVISOS HIDROCEANOGRÁFICOS FLUVIAIS

Os Avisos Hidroceanográficos Fluviais destinam-se à execução dos levantamentos hidroceanográficos em águas interiores da Bacia Amazônica, com a finalidade de atualização contínua da cartografia náutica das principais hidrovias da região, o que possibilitará melhoria na segurança da navegação. Os Avisos tiveram seu projeto de concepção realizado pelo Centro de Projetos de Navios e a sua construção foi conduzida pelo estaleiro Indústria Naval do Ceará S.A. (INACE), contratado, após ter sido selecionado em processo licitatório. O AvHoFlu "Rio Solimões" e AvHoFlu "Rio Negro", recebem os seus nomes em homenagem aos rios homônimos. A obtenção dos mesmos está inserida no Projeto de Cartografia da Amazônia, realizado em parceria com o Exército Brasileiro, a Força Aérea Brasileira e o Serviço Geológico do Brasil, sob coordenação do Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (CENSIPAM), órgão subordinado ao Ministério da Defesa e responsável pelo repasse dos recursos financeiros. Coube à Marinha do Brasil (MB), por meio da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN), coordenar o Subprojeto de Cartografia Náutica, de modo a apresentar, como produto final dos trabalhos, cartas náuticas da Bacia Amazônica.

VICE-ALMIRANTE DOMINGOS SÁVIO A. NOGUEIRA
é Comandante do 9º Distrito Naval

Recebido por oficiais da Marinha, entre os quais o Comandante do 9º Distrito Naval, V Alte Domingos Sávio A. Nogueira (na foto, o segundo da dir. para a esq.), o prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto, prestigiou a ativação do SSN-9.

TROCA DE COMANDO NA ESG

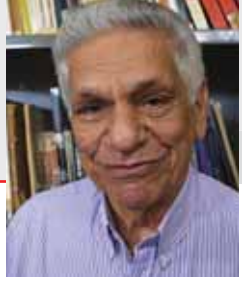
FOTOS: ESG

O Brig Stefan Egon Racza recebe do Alte Leal Ferreira o cargo de comandante da ESG.

"Foi um enorme privilégio exercer o cargo de Comandante da Escola Superior de Guerra (ESG). Os quase dois anos em que aqui estive me trouxeram grande realização profissional e me proporcionaram a oportunidade de trabalhar com um excepcional grupo de militares das três Forças e civis, homens e mulheres aos quais aprendi a dedicar enorme admiração e apreço". Com essas palavras, o Alte Esq Eduardo Bacellar Leal Ferreira entregou o posto, em solenidade realizada no dia 22 de janeiro. Nomeado Comandante da Marinha, ele transmitiu o cargo ao Brig Stefan Egon Racza, que foi o subcomandante da ESG durante toda a sua gestão. Depois de se referir a Racza como "oficial competente, dotado de espírito agregador, com conhecimento do ambiente de ensino e irretocáveis qualidades morais", o chefe que se despedia desejou êxitos ao sucessor. No seu discurso, destacou palavras de agradecimento às Escola de Guerra Naval, Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica e ao Ministério da Defesa, na pessoa do seu ex-ministro, embaixador Celso Amorim.

O Alte Leal Ferreira fez um agradecimento à Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), em especial aos presidentes, Delegado Pedro Berwanger e Almirante Ricardo Antonio da Veiga Cabral, pelo que considera um "êxito de uma parceria tão importante para a divulgação dos assuntos de Defesa para a sociedade brasileira". Em seguida, ressaltou o orgulho de haver comandando a ESG que, nas suas palavras, é uma das instituições de ensino e pesquisa que melhor estuda os destinos do Brasil. "Ao despedir-me, vejo com clareza o papel transcendental que esta Escola tem nos estudos relacionados com o Desenvolvimento e a Defesa do País. Ao longo de 65 anos de existência, a nossa sociedade evoluiu e o mundo passou por profundas transformações em todas as expressões do poder. Sem dúvida, muitas das condições que pautavam o foco do ensino na Escola mudaram. Novos temas passaram a ser estudados enquanto outros diminuíram de prioridade", disse, antes de enfatizar o objetivo principal da instituição. "Não importa para onde a evolução do mundo nos levar, pensar a nação, em especial sua Defesa, será sempre a prioridade maior da ESG". O Alte Leal Ferreira despediu-se, emocionado, confiando que a instituição manterá sua tradição de comprometimento com o Brasil, dando sempre o máximo de si no cumprimento das tarefas que lhes são atribuídas. "Peço a Deus que acompanhe sempre a Escola Superior de Guerra e sua gente", finalizou.

Alte Leal Ferreira, embaixador Celso Amorim e Brig Stefan Racza.



EM TEMPO

EDSON SCHETTINE DE AGUIAR

Os participantes do encontro, denominado "Eternos Comandantes", posam para a foto histórica em frente ao quartel-general da 16ª Brigada de Infantaria da Selva (Brigada das Missões).

ENCONTRO NA AMAZÔNIA

Os ex-comandantes do 9° Distrito Naval, do Comando Militar da Amazônia, do VII Comando Aéreo Regional, da 12ª Região Militar, do Estado-Maior do CMA, do 2° Grupamento de Engenharia e do Centro de Operações do Comando Militar da Amazônia participaram de um encontro de confraternização, em Manaus. Durante o evento – que foi denominado "Eternos Comandantes" - os convidados cumpriram uma extensa agenda de visitas, entre os dias 9 e 11 de dezembro, ao Centro de Instrução de Guerra na Selva e a 16ª Brigada de Infantaria de Selva, em Tefé, à Capitania dos Portos e às vilas residenciais. A comitiva foi recepcionada pelo Comandante Militar da Amazônia, Gen Ex Guilherme Cals Theophilo G. de Oliveira, para um almoço no 4° CTA. Em seguida, os atuais Comandantes do 9°DN, do CMA e do VII COMAR proferiram palestras para a comitiva, onde foi comentada a importância do encontro como forma de estreitar os laços entre os antigos chefes e os comandantes que atualmente administram militarmente a Amazônia. Entre os participantes, que se reuniram para a foto à frente do quartel-general da 16ª Brigada de Infantaria da Selva (Brigada das Missões), estavam o V Alt Domingos Sávio A. Nogueira (Comandante do 9º Distrito Naval), Gen Ex Guilherme Cals Theophilo G. de Oliveira (Comandante do CMA), o Gen Ex Eduardo Dias da Costa Villas Bôas (na ocasião, Comandante do COTer, atual Comandante do Exército), Major-Brig Calafange e o V Alt Ricardo Veiga Cabral, presidente da ADESG. "Foi uma visita plena de emoções, recordações e saudades. Vimos a evolução das instalações, do pessoal e do material empregado na Amazônia pelas nossas Forças Armadas", resumiu o Alt Veiga Cabral.

ADESG É NOTÍCIA NO PARÁ

Na sua edição de 13 de dezembro, o jornal O Liberal, de Belém (PA) noticiou o encerramento do XVII Curso de Estudos Políticos e Estratégicos, promovido pela ADESG, e a solenidade de entrega de certificados aos participantes. O diretor-geral da nossa Delegacia, no Pará, Cel Monclar da Rocha Basto destacou que o curso, com quatro meses de duração, ofereceu aos estagiários conhecimentos que os ajudarão a participar da vida política do País. Para John Roncon, juiz de Direito e diretor financeiro da ADESG-PA, o XVII CEPE traçou um completo retrato do Brasil, sem retoques: "Sem influência da mídia e sem influência alguma. Simplesmente quisemos mostrar o que precisa ser alterado. Todos os estagiários são pessoas de altíssimo gabarito. Aqui pensamos em como melhorar o Brasil", finalizou.

Joaquim Marçal, um dos autores, e o Brig Bhering, diretor do Musal, na noite de lançamento do livro "o *Rio pelo Alto*".

"O RIO PELO ALTO": LIVRO CELEBRA OS 450 ANOS DA CIDADE MARAVILHOSA

A editora ID Cultural antecipou-se às comemorações dos 450 anos de fundação da cidade do Rio de Janeiro, no dia 1° março, e lançou, em dezembro, na Livraria Argumento, no Leblon, o livro "O Rio pelo alto". A publicação reúne fotos aéreas realizadas pelos oficiais e alunos das antigas escolas de Aviação Militar do Exército e da Marinha, entre as décadas de 1930 e 1940. "O Rio pelo Alto" tem organização e textos de Patrícia Pamplona e Joaquim Marçal de Ferreira Andrade. Durante seis meses, junto com a direção e as divisões de Museologia e de Comunicação Social do Museu Aeroespacial (Musal), os autores elaboraram a pesquisa histórica e selecionaram imagens em meio ao um arquivo de mais de sete mil fotos. "Trata-se de uma valiosa fonte de consulta para todos os segmentos da sociedade", define o Brig Ar Márcio Bhering Cardoso, diretor do Musal, instituição à qual pertence o acervo de fotos que ilustra a obra, e que guarda cerca de 250 mil itens entre documentos iconográficos, vídeos, indumentárias, mobiliários, além de 138 aeronaves.

Ten Vivian Piassi, Patrícia Pamplona, também autora do livro, Ten Mota, Ten Cel Carvalho, da Comunicação Social do Musal e Ten Louise, na Livraria Argumento.

Engenharia do Exército e Desenvolvimento

A convite da ADESG-GO, representada por seu delegado regional Gilberto Alves Marinho, e do Sindicato de Engenheiros Jovens de Goiás (SENGE Jovem), o Gen Ex Joaquim Maia Brandão Júnior, Chefe do Departamento de Engenharia do Exército, proferiu a conferência "A Engenharia do Exército Brasileiro em Apoio ao Desenvolvimento Nacional". O auditório do Palácio Pedro Ludovico Teixeira, sede do Governo de Goiás, em Goiânia, recebeu um público diversificado, composto por representantes do governo goiano, do judiciário, de entidades empresariais, sindicatos e adesguianos, além de um grande número de estudantes universitários. A maciça presença de jovens engenheiros confirmou a preocupação da juventude com os destinos do País, com a seriedade no trato da coisa pública e com o reconhecimento das instituições militares como portadoras dos valores pelos quais anseia a sociedade brasileira.

ADESG-GO

Gen Joaquim M. B. Júnior e os jovens engenheiros que prestigiaram sua palestra.

Festividade

Por ocasião da comemoração dos 63 anos da ADESG, na Escola Superior de Guerra, os Altes Eduardo Bacellar Leal Ferreira, então comandante da ESG e atual Comandante da Marinha, e Ricardo Veiga Cabral, presidente da ADESG, ladeados pelas respectivas esposas, Chris e Elza, celebram a história e as mais de seis décadas de realizações da nossa instituição de altos estudos.

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO 4º. ANIVERSÁRIO DO CEPHIMEX

O Espaço Cultural Laguna comemorou os quatro anos do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército – CEPHiMEx, no tradicional Palacete da Rua General Canabarro, no Maracanã , Rio de Janeiro, testemunha de tantos notáveis acontecimentos do Império e da República. Após a formatura militar, o Chefe do CEPHIMEX, Gen Marcio Tadeu Bettega Bergo, relatou os trabalhos desenvolvidos pela entidade, fez a entrega de credenciais aos novos pesquisadores associados e abriu Sessão da Academia. Na ocasião, se efetivou a Posse do 1º. Presidente de Honra da AHIMTB/RIO (Academia da História Militar Terrestre do Brasil), Gen Ex Francisco Carlos Modesto, investido no título acadêmico outorgado nos termos do estatuto em vigor e assim concedido ao Comandante Militar do Leste.

INTEGRAÇÃO LUSO-BRASILEIRA

O Cmg Marcio Bonifácio Moraes, nosso representante na Europa e junto à Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional (AACDN), em Lisboa, participou de uma reunião de trabalho com o dirigente da entidade coirmã – conveniada com a ADESG desde junho de 2011 -, para ações conjuntas, no interesse da comunidade luso-brasileira. Estiveram presentes ao encontro, a presidente Profª Drª. Ana Isabel Xavier (à esquerda do Cmg Marcio, que está no centro da foto), além do vice-presidente Ten Cel Paulo Lourenço, da secretária Carla Fernandes e dos vogais prof. Antonie André Inácio e a sra. Catulina Guerreiro.

O presidente da ADESG, V Alt Ricardo Veiga Cabral, reuniu-se com o Dr. Arthur Victorio, representante da nossa entidade na cidade do Porto, em Portugal. Na ocasião, foi entregue ao delegado um exemplar do livro ADESG – 60 anos de história.

Gen Geraldo Luiz Nery da Silva (18/fev/1938 – 13/nov/2014):

HOMENAGEM A UM GRANDE BRASILEIRO

Por **Israel Blajberg - Presidente da AHIMTB / RIO**

A Academia da História Militar Terrestre do Brasil se enluta com a perda do confrade Gen Nery. Carioca, antigo aluno do Colégio Militar, ex-aluno da ESG (Turma Monteiro Lobato – CAEPE 1994, Conselheiro da Casa da FEB, estudioso da Amazônia e da Historia Militar, deixa profundas saudades. Homem fiel aos seus ideais e aos companheiros, desempenhou-se, na carreira das armas, com brilhantismo em relevantes comissões. Foi instrutor na AMAN, EsIE, EsAO, Academia Militar do Barro Branco -PM/SP e Adido Militar na Bolívia. Como capitão foi Ajudante-de-Ordens do Gen João Bina Machado. Ao comandar a 2a Bia do 1º. GAC AP – Regimento Floriano, realizou em ago/73 o primeiro tiro de Artilharia Autopropulsada no Brasil. Sua monografia na ECEME em 1977 versou sobre "A Artilharia Autopropulsada no Brasil – O Pioneirismo do 1o GAC AP – Problemas Existentes – Propostas de Solução". Como Coronel comandou o 20º. GAC – o tradicional Grupo Bandeirante, cuja 2ª. Bateria cumpriu a última missão de tiro da Artilharia brasileira na Itália. Promovido a General, transferiu em 1992 a 16a Brigada de Infantaria Motorizada – Brigada das Missões – transformada em Brigada de Selva, de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, para Tefé, no Amazonas. Encerrou sua longa e brilhante carreira no comando da 1a Brigada de Artilharia Antiaérea, após cursar a ESG – CAEPE. Ao passar para a Reserva foi chamado a emprestar a sua colaboração na BIBLIEX, onde coordenou importantes trabalhos na área da História Oral, como FEB, Projeto Rondon e Revolução de 1964. Uma das suas grandes realizações foi a primeira solenidade do Ultimo Tiro, em 1988, que é realizada até hoje a cada 29 abril, recordando a odisseia da 2ª. Bateria do 3º. Grupo de Obuses 105 da FEB cumpridora da ultima missão. Era o Comandante da Linha de Fogo o então Ten Amerino Raposo Filho, que vinha sempre do Rio com o Gen Nery e sua esposa Da. Neuza para repetir o mesmo comando de 70 anos passados. Foi por iniciativa do então Cel NERY que se erigiu no aquartelamento do histórico Grupo Bandeirante - III Grupo 105 da FEB, atual 20º. GAC Leve – Aeromóvel, um Monumento onde constam eternizados no bronze todos os integrantes do Grupo na Itália, e o Museu da Unidade. É a nossa tropa de elite da Força de Ação Rápida, têmpera do aço, sempre à frente da vanguarda, do céu fulminantes, no dizer da canção. Gen Nery era muito estimado em todos os círculos que frequentava, especialmente junto aos Antigos Alunos do CPOR/RJ, em cujas formaturas no quartel da Av Brasil era frequente contar com a sua presença amiga.

Desfile dos Veteranos: o Gen Nery, artilheiro da Turma Floriano-Aman-1960, marcha entre o Cel Amerino e o Gen Catão.

FIM DE ANO

A diretoria nacional da ADESG recebeu na sua sede no Rio de Janeiro, em dezembro, os nossos delegados regionais. Na pauta, confraternização, fortalecimento de laços e troca de ideias sobre as iniciativas da instituição.

Por **Hiram Reis e Silva**

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON:

anotações de uma viagem no tempo

Roosevelt e Rondon na Amazônia: há um século.

ALMANAC OF THEODORE ROOSEVELT

Cem anos depois da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, a história é revisitada e um grupo de pesquisadores refaz o trajeto dos pioneiros. Aqui, além de uma homenagem aos que perderam a vida na Amazônia durante a épica missão do Marechal Rondon, em 1914, publicamos e trechos do diário do Cel Ex Hiram Reis e Silva, um dos membros da equipe que voltou ao Rio Roosevelt, entre outubro e novembro de 2014, ao lado do professor e TenR2 Marc André Meyers, do engenheiro americano Jeffrey Lehmann, apresentador de TV e produtor do programa "Weekend Explorer", e do Cel Ex Ivan Carlos Angonese. A nova jornada ao Rio Roosevelt (na época, Rio da Dúvida) foi encerrada no dia 13 de novembro do ano passado. O percurso de 700km foi feito em 21 dias, 38 a menos que Roosevelt. Os aventureiros percorreram o rio desde sua nascente, em Rondônia, até desaguar no Rio Aripuanã, no Amazonas. A travessia será tema de um documentário que mostrará a região e o ecossistema em comparação com os idos de 1914. Os pesquisadores agora buscam recursos, incluindo doações de amigos e de instituições que reconhecem a importância das expedições, para outra aventura científica: a Descida do Amazonas (Oriximiná (PA) – Macapá (AP).

Pena que algumas autoridades não tenham tido a capacidade de aquilatar a relevância de nossa descida pelo antigo Rio da Dúvida, hoje Rio Roosevelt, desde Rondônia, atravessando o Noroeste do Mato Grosso até o Amazonas, e da homenagem que seus expedicionários se propunham a prestar à memória de Cândido Mariano da Silva Rondon – o Marechal da Paz - e a Theodore Roosevelt – o ex-Presidente dos EUA. Há cem anos, estes dois grandes nomes da historiografia universal gravaram, para sempre, seus nomes no "pantheon" dos heróis da humanidade ao realizar a épica descida por um rio totalmente desconhecido, permeado de diversos saltos, cachoeiras e corredeiras. Justa homenagem, igualmente, merecem todos os heróis esquecidos, militares e civis, que tombaram nos "ermos sem fim" dos sertões inóspitos lançando linhas telegráficas ou demarcando nossas fronteiras. Como o Tenente João Salustiano Lyra que, nos idos de 1914, acompanhou Rondon na sua descida pelo Rio Roosevelt, morrendo afogado, em 1917, no Rio Sepotuba, hoje Rio Tenente Lyra. O jovem militar esteve ao lado de Rondon em três expedições de reconhecimento e exploração de 1907, 1908 e 1909, de Mato Grosso ao Amazonas, além da Expedição Científica Roosevelt-Rondon em 1913-1914.

ARQUIVO PESSOAL

Em campo, os pesquisadores Jeffrey, Hiram, Meyers e Angonese.

No mesmo acidente, perdeu a vida o Tenente Eduardo de Abreu Botelho. Lyra chefiava uma equipe em trabalhos de levantamento da carta de Mato Grosso. O livro "Impressões da Comissão Rondon", do Coronel Amílcar Armando Botelho, revela que os dois oficiais atiraram-se nas águas agitadas para evitar, como evitaram, que naufragasse a canoa que os transportava e que levava as cadernetas de levantamento com o resultado do trabalho até então executado. Os documentos foram preservados. Lyra e Botelho, contudo, foram arrastados pela correnteza. Um episódio que simboliza o supremo sacrifício pelo Brasil.

DIA 22/10/2014

FAZENDA BALIZA

"Partimos da Fazenda Baliza, pouco depois das 8h, muitas árvores caídas dificultavam a navegação e tive de socorrer o Dr. Marc que, apesar de sofrer dois naufrágios, manteve, em cada oportunidade, uma notável tranquilidade para um neófito canoeiro. O Cel Angonese e Jeffrey enfrentaram com galhardia as barreiras formadas pelos troncos manejando com certa dificuldade a frágil e carregada canoa. As buritiranas (Mauritiella aculeata), que Roosevelt observara na sua saga, há cem anos, ali estavam representadas por suas descendentes com seus troncos, cobertos de espinhos, graciosamente curvados sobre as águas. A navegabilidade melhorou sensivelmente depois da confluência com o Rio Festa da Bandeira. As águas estavam mais serenas e a largura do rio não permitia que as árvores tombadas bloqueassem-no em toda amplitude. A progressão tornou-se mais fácil, mas não mais veloz, já que a vazão permanecia praticamente a mesma".

DIA 24/11/2014

JUSANTE DO SALTO NAVAITÉ

"Iniciamos logo cedo o extenuante transporte de todo o material para o acampamento à jusante do Salto Navaité. Existia uma trilha relativamente recente que facilitou o transporte das embarcações, com a utilização de um carrinho que o Dr. Marc trouxe dos EUA para esta finalidade. Levamos a manhã inteira para transpor o acampamento de montante para jusante. Depois do almoço, passamos a tarde reconhecendo e fotografando o complexo de Navaité. O maior estreito ou angustura, como diriam os antigos de todo o Rio Roosevelt. O rio cuja largura, à montante, variava de 20 a 30m, passava agora por uma estreita fenda de menos de dois metros de largura e como sua vazão permanece praticamente idêntica à de montante, isso indica que sua seção transversal é provavelmente a mesma, isso quer dizer que a profundidade neste local é muito grande, em torno de 15 a 20 metros. Observando os grandes lajedos de arenito e conglomerados friáveis, eu identificava alguns deles onde Rondon e Roosevelt tinham sido fotografados. A beleza agreste daquelas formações, o medonho fragor

do caudal confinado, de repente, e as águas tumultuárias e refulgentes emocionavam-me. Engarupado na anca da história, eu via ou sentia a presença daqueles personagens que há cem anos palmilharam aqueles sítios gravando indelevelmente sua passagem em cada um deles".

27/10/2014

VILHENA

"Em Vilhena, nos reorganizamos e identificamos o ponto mais favorável para dar continuidade à nossa expedição. Partimos com destino à balsa do "Condomínio Aprovale" . A viagem transcorreu sem grandes novidades até alcançarmos o território dos Zoró, onde era intenso o movimento de caminhões carregados com toras de madeira. Observamos algumas destas toras sem a devida identificação e outras cortadas, aguardando transporte, sinais claros de exploração madeireira irregular dentro da Área Indígena. Assim como os Cinta-Larga, os Zoró barganham, sem qualquer controle, suas riquezas naturais mostrando total despreocupação com o legado de seus antepassados. Felizmente, ninguém nos cobrou pedágio na passagem da cancela por uma de suas aldeias. Às margens do Roosevelt, constatamos sua pujança depois de receber seu mais poderoso afluente – o Rio Cardoso".

DIA 28/10/2014

RIO ROOSEVELT – PONTE DA APROVALE

"Percorremos uma das trilhas usada pelos pescadores para chegar até a margem direita do Rio. Descarregamos as embarcações e a carga e reiniciamos nossa jornada. O Rio Roosevelt tinha agora outras características, a correnteza, a largura eram maiores, a fauna mais diversificada com a presença das belas e solitárias garças mouras (Ardea cocoi) que agora davam seu ar de graça. As aves mais comuns em toda extensão continuavam sendo as andorinhas-de-peito-branco (Atticora tibialis), os martins-pescadores-pequenos (Chloroceryle americana) e martins-pescadores-grandes (Megaceryle torquata), os biguás (Phalacrocorax brasilianus) e os socós-boi (Tigrisoma lineatum). As araras Canindé (Ara ararauna) de vistosa coloração azul ultramarino no dorso e amarelo-dourado na parte inferior que avistamos na primeira fase de nossa descida (Rondônia) foram, progressivamente, substituídas aqui pelas belas Araracanga (Ara macao) de intensa coloração vermelha escarlate; asas tricolores (vermelho, amarelo na parte média e azul intenso nos extremos), rabadilha e base do rabo azul".

DIA 31/10/2014

CACHOEIRA DAS TRÊS PIRANHAS

"A jornada foi tranquila e fizemos uma parada mais longa por volta das 12h em um ponto que eu assinalara como sendo um "Areal" e que na verdade eram rochedos. A baixa qualidade das fotos aéreas do Google Earth não permitia, por vezes, observar os detalhes corretamente. Continuamos nossa jornada e, pouco mais de uma hora depois, a uns oito quilômetros do "Areal", comecei a ouvir um rugido conhecido de águas revoltas. Avisei meus parceiros que iria à frente fazer um reconhecimento e piquei a voga. A série de cachoeiras (Três Piranhas) era formada por um pequeno arquipélago e o rio fluía por três canais permeados de rochedos formando cinco degraus distintos e distantes de 50 a 100 metros uns dos outros. Verifiquei que a melhor opção era contornarmos

ARQUIVO PESSOAL

O professor da Universidade da Califórnia, Marc Meyers, e as canoas de fibra utilizadas na expedição

pela margem direita. O primeiro foi facilmente transposto a remo, no segundo, embora a queda não chegasse a um metro de altura, optamos por conduzir as embarcações à sirga, tendo em vista que as rochas poderiam danificar os cascos das mesmas. O terceiro foi transposto sem problemas pelos caiaques e ficamos observando e torcendo para que os "camaradas" o ultrapassassem, com sucesso, com sua pesada canoa. Os "camaradas" já dominavam com muita segurança a técnica de navegação da instável e pesada canoa e venceram esta etapa sem qualquer contratempo. O quarto degrau, semelhante ao primeiro, foi transposto sem qualquer dificuldade. Descuidei-me, por alguns segundos, e quase fui tragado pelo quinto e mais desafiador obstáculo de quase dois metros de altura que naquele local era formado por um intrincado labirinto de pedras aguçadas".

DIA 4/11/2014 (TERÇA)

ILHA DO COTOVELO

"Desmontamos o acampamento e parti antes dos meus amigos, avisando que esperaria por eles quando encontrasse algum obstáculo e, caso isso não acontecesse, os aguardaria na Ilha do Cotovelo, a uns 18 km de distância. Ao chegar à ilha, espantei, sem querer, um pequeno jacaré que dormitava tranquilamente nas pedras. Aqui como nas demais Ilhas pedregosas de todo o Rio Roosevelt encontrei diversos arbustos de Camu-camu (Myrciaria dúbia), arbusto também conhecido como caçari ou araçá encontrado na Amazônia às margens dos rio e lagos. A planta pode permanecer submersa de quatro a cinco meses e frutifica, nestes locais, no período que vai de novembro a março. Na terra firme, a floração pode ocorrer durante o ano inteiro. Os frutos são esféricos de 01 a 3,2 cm de diâmetro, de coloração avermelhada ou roxa. Possui vinte vezes mais vitamina C (ácido ascórbico) do que a acerola.

DIA 5/11/2014

FOZ IGARAPÉ SÃO LIBERATO

"O vazio demográfico impressionava, não havia viva alma por aquelas bandas. Os barrancos e a vegetação densa não mostravam nenhum lugar propício a um acampamento. Passei pela foz de um Igarapé onde havia uma mesa na barranca, aproximei-me do local e avistei as instalações de um acampamento de pescadores dentro do Parque Estadual Guariba. (...). Avistei um banco de areia, quase ao nível d'água, arvorei remo e ergui os olhos para os céus agradecendo ao Senhor de todos os Exércitos a bela visão. O idílico momento durou muito pouco pois ao volver novamente os olhos para a terra dei de cara com a cabeça de um enorme jacaré-açu que pescava despreocupadamente piraputangas na Boca do belo Igarapé de águas pretas. A cabeça do enorme réptil tinha uns 70 cm e o animal ultrapassava seguramente os 5,5 metros. Com um movimento muito rápido, o gigantesco sauro lançou-se às águas do Rio Roosevelt e desapareceu num piscar de olhos. Não sei quem se assustou mais com a presença do outro, se eu ou o colossal jacaré, que o Jeffrey teima em chamar de "aligátor". Foi o único animal deste porte avistado pela equipe em todo o Roosevelt, os demais eram pequenos e não chegavam aos dois metros de comprimento. Na minha descida pelo Rio Solimões, observei e fotografei grande quantidade destes sauros gigantescos e muito gordos que ultrapassavam os seis metros, felizmente era uma área pródiga em recursos naturais e eles raramente atacavam os seres humanos".

REPRODUÇÃO

Amazon indians confront UCSD explorer

Two San Diegans draw opposition as they retrace Roos
Doubt.'

By Gary Robbins (/staff/gary-robbins/) 7:34 p.m. Nov. 3, 2014 Updated 7:09 a.m. N

UC San Diego engineering professor Marc Meyers Courtesy of Jeffrey Lehmann

TREACHEROUS JOURNEY ON RIVER OF DOUBT

UCSD professor, Del Mar filmmaker retrace T.R.'s trip

SCIENCE A3

GARY ROBBINS • U-T

If you're planning a trip to the Brazilian Amazon, know this:

Anyone who travels on the Roosevelt River may have to deal with electric eels, piranha, pig-like tapirs that are longer than a couch and waterfalls that can devour a kayak.

It's not unusual for an inch and a half of rain to fall in 30 minutes. The vegetation is almost impenetrable. And the heat can bring people to their knees.

UC San Diego engineering professor Marc Meyers experienced all of this during a recent 23-day expedition along the Roosevelt, which also

SEE AMAZON • A3

UC San Diego professor Marc Meyers guides his canoe along the banks of the Roosevelt River in the Brazilian Amazon, where he had to cope with waterfalls, rapids, heavy rains and dangerous creatures such as piranha. MARC MEYERS EXPEDITION

A repercussão internacional da travessia que comemorou 100 anos da Expedição Roosevelt-Rondon

HIRAM REIS E SILVA é Coronel de Engenharia, Professor do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), Pesquisador do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx) e Presidente da Sociedade de Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRAS) e Colaborador Emérito da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG). O blog *desafiandooriomar.blogspotcom.br* disponibiliza relatos e vídeo sobre suas expedições.

Por **José Mota Filho**

AMANDA OLIVEIRA/GOVBA

VIOLÊNCIA: LIÇÃO CRIMINOLÓGICA ANTIGA, PORÉM ATUAL

O homem, pela sua própria natureza, é destinado ao convívio social e nesse ambiente deve ser considerado. Nesse convívio, há regras que devem ser observadas, como de educação, cortesia, etiqueta, preceitos religiosos, morais, éticas, além das regras jurídicas. Nos dias atuais, o ser humano tem se desviado enormemente da observância dessas regras, as primeiras impostas pela sua consciência, sem coerção do Estado, enquanto que as últimas traduzem uma conduta obrigatória aos seres humanos em suas relações de uns com os outros, consistindo em fazer ou deixar de fazer alguma coisa, com as sanções determinadas pelo ordenamento jurídico vigente no País, na hipótese de transgredi-las.

O desrespeito às regras de conduta social causa grande desequilíbrio à harmonia que deve existir no meio em que o homem desenvolve suas atividades, trazendo grande inquietação a todos que têm o privilégio de caminhar pela face da terra.

Uma das grandes mazelas do homem na sociedade diz respeito à violência – entre elas, aquelas que provocam o cerceamento do cidadão honesto na sua liberdade de ir e vir, de ficar ou permanecer tranquilamente onde quiser – restrições que se observam, a cada momento, à luz do dia ou da noite, nas ruas ou nas casas, atingindo às pessoas, indistintamente, em razão dos procedimentos daqueles indivíduos inadaptados ao convívio social.

Um homem, ou grupo de homens, age à margem da lei contra cidadãos e famílias que têm direito à paz social, uma das garantias que o Estado deve lhes assegurar, mas, infelizmente, negada em razão das próprias leis e também pelas deficiências do mecanismo policial e do Judiciário. As leis e o encarceramento do criminoso não resolvem a questão da violência. É necessário estudar a formação do delinquente, objetivando vencer a crise em que o País está mergulhado. É velha a lição de que os homens nascem bons e que os maus podem ser produto da corrupção pelo meio.

No estudo de criminologia, Lombroso reconheceu haver o criminoso nato, idêntico ao louco moral, aquele com base epilética, explicável pelo atavismo e pelo tipo biológico especial (LIRA, Roberto. Manual de Cultura Forense, Direito Penal, nº 3, Criminologia, Record, Rio de Janeiro, 1961). Os criminosos, assim, seriam pessoas doentes que precisariam de hospitais e não de penitenciárias. Tornar-se-ia necessário dar-lhes remédios, em lugar das penas, na expressão de Tobias Barreto.

Na lição de Barreto, porém, o criminoso resulta dos "vícios da organização social", com as "influências que muitas vezes se manifestam até pelos efeitos produzidos por uma alimentação diferente", salientando "o quinhão da sociedade, o influxo do monde ambient moral e jurídico sobre a concepção e a execução dos crimes".

Dele é o ensinamento: "*Um grupo social, em cujo meio, por exemplo, o fanatismo religioso não encontra corretivo, vê multiplicarem-se facilmente os delitos causados por divergência de crença. Em um país, onde as ideias de honra, de dignidade, de moralidade em geral, assentam em velhos preconceitos, o número de crimes cometidos por motivos frívolos é sempre maior do que naqueles onde as ideias são mais puras e esclarecidas. Um povo entre o qual a riqueza é mal distribuída e o trabalho mal recompensado, tem quase por certa a constante repetição dos delitos contra a propriedade" (LIRA, Roberto. Idem idem, p. 18)*

AS PENITENCIÁRIAS DEVEM SE PRESTAR À RECUPERAÇÃO DO HOMEM, NÃO PODENDO SE CONSTITUIR MERO DEPÓSITO DE PRESOS

Euclydes da Cunha, por sua vez, nos Sertões, examinou os fatores naturais e sociais que retardam ou interrompem o desenvolvimento mental do indivíduo, criando "a loucura do deserto", indutora de um estado perigoso social, que produz o estado perigoso individual. A figura de Antônio Conselheiro, na observação de Euclydes, nada mais era do que o produto e a expressão do meio social em que se encontrava e que, isolado, se perdia na turba dos nevróticos vulgares e, em função do meio, assombrava (in, LIRA, Roberto. Idem, idem). Na observação de Afrânio Peixoto, o fator sócio-econômico era o predominante na criminalidade daquela época, porque, sem ele, subsistia apenas uma exceção sem importância, exigindo profilaxia organizada, sem razão de epidemia.

Todas as vozes que estudaram a questão, apesar de períodos distantes, veem no criminoso um doente ou produto do fator social-econômico; a primeira defende a tese de que o homem deve ser tratado em hospital e a última, em penitenciárias.

Naturalmente, os hospitais devem ser adequados ao tratamento específico daqueles doentes. As penitenciárias, por sua vez, devem se prestar à recuperação do homem, não podendo constituir mero depósito de presos, masmorras medievais, onerosas ao Estado, verdadeiras "universidades do crime" e que não se prestam à recuperação do criminoso, nos modelos vigentes, não olvidando, ainda, de que o homem não pode ser considerado em estado de isolamento, diante de sua própria natureza.

As lições são antigas, mas aplicáveis aos dias atuais. O crime sempre existiu e existirá. As leis mais draconianas, via de regras, adotadas em períodos críticos de convulsão social, não produzem os efeitos desejados pelo legislador, que cuida da matéria sem base cientifica e apenas busca atender ao clamor público.

Cumpre, então, ao governo, cuidar adequadamente dos doentes e adotar medidas, no sentido de que todo homem tenha oportunidade de desenvolver sua capacidade intelectual e laborativa, de modo a afastá-lo da conduta antijurídica e, quando necessário, puni-lo com justiça e não com a vingança, educando-o ainda para a volta ao convívio social.

Outros países diminuíram, consideravelmente, os índices de violência neles existentes. Entre nós, a violência não pode continuar em índices alarmantes, perturbando a felicidade, aspiração legítima do bom cidadão, que tem direito à paz social.

JOSÉ MOTA FILHO é Des. aposentado do TJRJ, Advogado e Consultor Jurídico, ex-aluno da Turma "Espírito Brasileiro" (ESG/2005).

João Baptista Miranda da Silva

a superação como lição de vida

Uma extraordinária capacidade para superar obstáculos. A trajetória do advogado e professor João Baptista Miranda da Silva, 87, se enquadra no conceito que a frase traduz. Mas não cabe em apenas uma definição. Vão muito além a determinação e a tenacidade para percorrer com sucesso os caminhos da sua formação e realização pessoal e profissional. Nascido na cidade de Alegre (ES), ele foi o caçula entre os cinco filhos de um lavrador. Ainda pequeno, foi com seus pais, Cândida Miranda da Silva e Euphásio José da Silva, para uma fazenda em Boa Esperança, distrito de Bom Jesus do Norte, no Espírito Santo. Lá, ajudava na lavoura. Depois de passar por mais duas cidades, uma delas, Itaperuna (RJ), onde estudou em um grupo escolar, fixou-se, com a família, no Rio de Janeiro, em 1936. Tinha, então, apenas oito anos. A cidade grande, que lhe daria no futuro mais oportunidades, ofereceu-lhe, antes, drama e tristeza. No ano seguinte, perdeu a mãe, em fevereiro, e o pai, em outubro. O seu irmão mais velho, José Amaro da Silva, assumiu a responsabilidade de cuidar da família. Pode-se imaginar com que dificuldade. João Baptista seguiu em frente, concluiu o então primário e formou-se como técnico de contabilidade. Estudando à noite, pois trabalhava durante o dia. Diplomou-se, depois, em Economia e Políticas Sociais, na Faculdade Cândido Mendes. Ele conta que, um dia, no começo da década de 1960, passava pela Praça XV, quando ouviu no rádio que naquele mesmo dia se encerravam as inscrições para o vestibular para Direito da Universidade Federal Fluminense. Habilitou-se, foi aprovado e concluiu o curso de quatro anos, com mais dois anos de pós-graduação. Assim, João Baptista tanto militou na advocacia como tornou-se professor de cursos técnicos. Ele atribui à sua formação diversificada – é doutor em Economia pela Fundação Getúlio Vargas -, e especialmente aos conhecimentos de economia, o êxito da escola que fundou. "A Escola Técnica de Comércio, do Instituto São João Baptista (ISJOB), no Méier, funciona até hoje, não mais com aquela denominação", diz ele, antes de revelar uma ponta de decepção. "Em função das legislações educacionais, as escolas particulares estão em decadência. Uma lei desastrosa, que denominamos de 'lei do calote', permite, na prática, que o aluno pague sua mensalidade se quiser. A escola não pode reter documentos ou impedir sua entrada na sala de aula", queixa-se. Instado a falar sobre os fundamentos da sua formação e profícuas realizações, João Baptista destaca os valores da família. "No meu entender, e creio que no entender da maioria, a família é a célula-mater da sociedade. Por ela, podemos avaliar uma sociedade. É nela que se forma a educação, a base de tudo. Tentam acabar com a família mas não conseguem, principalmente se ela for alicerçada em fundamentos religiosos. Posso falar de cadeira, pois sou casado há 63 anos. Eu e minha esposa, Ubirany, temos três filhas, quatro netos, um bisneto de nove meses e uma bisneta de cinco meses". O professor João Baptista destaca, igualmente, como fator importante seu estágio na Escola Superior de Guerra (ESG), Turma Rui Barbosa, em 1980, e o posterior ingresso na ADESG, onde foi eleito 2° secretário durante o biênio presidido pelo professor Pedro Ernesto e, nos períodos seguintes, tornou secretário-executivo e conselheiro da instituição, cargo que ocupa atualmente.

Principais realizações e conquistas

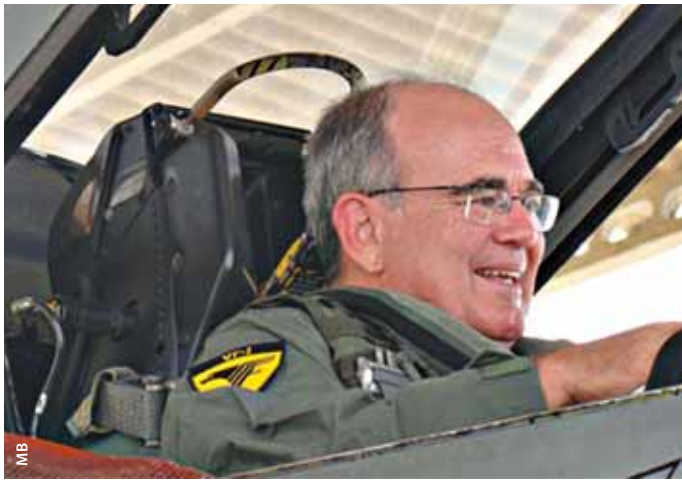
• Professor de Direito e Economia da SUAM-SUSE-CÂNDIDO MENDES-SUIJOB * Professor do ISJOB (Instituto São João Baptista * Auditor e posteriormente Juiz do Superior Tribunal de Justiça Desportiva da Confederação Brasileira de Basquetebol * Participação em vários grupos de trabalho sobre a Reforma do Ensino * Presidente do Rotary Club Internacional-Meier, entre 1991 e 1993 * Viagens de estudo, seminários e pesquisas acadêmicas em universidades e instituições de Miami, Londres, Portugal, Espanha, França, Itália, Holanda, Suíça, Austrália, Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, entre outros países. * Secretário-Executivo da ADESG (2008-2009) * Eleito para o Conselho Superior da ADESG Nacional (2010-2011) e reeleito para os biênios 2012-2013 e 2014-2015 * Medalha do Mérito Anchieta, do Governo do Estado do Rio de Janeiro * Diploma de Honra Comunitária, do Governo do Estado do Rio de Janeiro * Diploma de Honra ao Mérito – Mobral * Cidadão Carioca * Diploma de Honra ao Mérito e Medalha de Ouro da Academia Brasileira de Belas Artes * Moções do Senado Federal, da Câmara Federal, da Assembleia do Rio de Janeiro e da Câmara Municipal do Rio de Janeiro por relevantes serviços prestados ao ensino.* Empresário do Ano (1990) pela Associação Comercial e Industrial do Méier.

Forças Armadas: os novos comandantes

Após a posse do novo ministro da Defesa, o carioca Jaques Wagner - ex-governador da Bahia e ex-ministro do Trabalho e Emprego e ex-ministro das Relações Institucionais -, foram nomeados os novos comandantes das Forças Armadas. Para chefiar o Exército, o escolhido foi o Gen Eduardo Dias da Costa Villas-Boas. Entre outras funções, ele foi comandante militar na Amazônia, chefe do Comando de Operações Terrestres e adido militar adjunto na China. O paulista Villas-Boas substitui o Gen Enzo Peri. O novo comandante da Aeronáutica é o Brig Nivaldo Luiz Rossato, gaúcho, ex-chefe da Direção de Organização e o Comando-Geral de Operações Aéreas e do Departamento de Ensino da Aeronáutica, que assume o posto que foi do Brig Juniti Saito. O novo comandante da Marinha, o Alte Eduardo Bacellar Leal Ferreira, carioca, ex-chefe do Estado Maior da Esquadra e ex-comandante do 7° Distrito Naval. Ultimamente, comandava a Escola Superior de Guerra (ESG). Leal Ferreira substitui o Alte Julio Soares de Moura Neto.

TIAGO CORREA/DIRCOM

Gen Villas-Boas, novo comandante do Exército.


MB

O Alte Leal Ferreira (na foto, na cabine de um dos caças da força naval) assume a comando da Marinha.

FAB

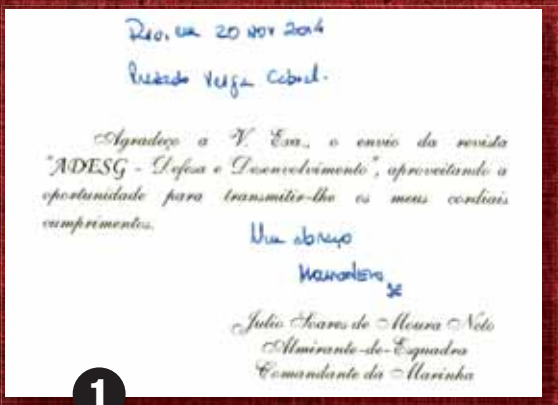
O Brig Nivaldo Rosato é o novo comandante da Aeronáutica.

TERESA SOBREIRA/MD

O ministro da Defesa, Jaques Wagner, visita o Quartel-General do Exército, em Brasília.

ADESG AGRADECE

Em nome do seu presidente, V Alte Ricardo Veiga Cabral, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra registra, com especial satisfação, as manifestações de apreço e amizade recebidas de ilustres comandantes, colaboradores e leitores da Revista da Adesg. São palavras que nos incentivam a cumprir a meta essencial da publicação que objetiva debater questões relevantes e analisar acontecimentos estratégicos e históricos do Brasil, além de noticiar as atividades acadêmicas e sociais da nossa instituição.


Rio, em 20 nov 2014

Prezado Veiga Cabral.

Agradeço a V. Ex., o envio da revista "ADESG - Defesa e Desenvolvimento", aproveitando a oportunidade para transmitir-lhe os meus cordiais cumprimentos.

Um abraço

Julio Soares de Moura Neto
Almirante-de-Esquadra
Comandante da Marinha

1

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO MILITAR DO LESTE
(Zona Militar do Leste / 1946)

Estimado Alte Veiga Cabral

Agradeço, mais uma vez, os homenagens ao Soldado e aproveito para cumprimentá-lo pela excelência dos artigos da revista da ADESG. É sempre um prazer aprender. Trabalhar com pessoas tão dedicadas ao nosso País. A Segurança e Defesa com a conjunta das ocasiões e muito.

Forte abraço

26/set/14 Gen Ex Francisco Carlos Modesto
Comandante Militar do Leste

2

Biblioteca do Exército

Gabinete do Diretor

Rio de Janeiro, RJ, 1º de dezembro de 2014.

Prezado Alte Veiga Cabral

Registro, com elevada satisfação, o recebimento de exemplares do nº 287 da Revista da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – Rio (ADESG), recentemente doados por V.Ex. à Biblioteca do Exército.

Publicação de inestimável valor, com conteúdo bastante enriquecedor, elaborada por um clássico de autores multiculturais, será de grande valia para esta Editora, pois trata de temas de nosso interesse.

Assim, aproveito expressar a V.Ex. os mais sinceros e profundos agradecimentos pelo gesto generoso.

Eduardo Seabelli Pantoja – Cel Cav
Diretor da Biblioteca do Exército

3

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA AEROESPACIAL

São José dos Campos, 11 de agosto de 2014.

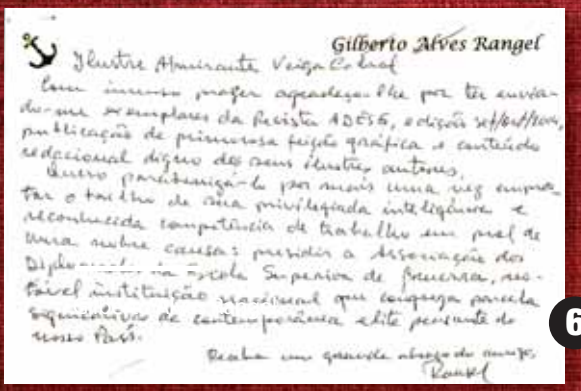
Estimado

Excelentíssimo Senhor
V Alte RICARDO ANTÔNIO DA VEIGA CABRAL

Ao receber o exemplar da edição nº 285 da Revista da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, que elegeu como tema central o GRIPEN NG, agradeço a V.Exa. pela Revista e parabenizo toda equipe pelo excelente trabalho. Com especial apreço

Ten Brig Ar Alvani Adão da Silva
Diretor-Geral do DCTA

4


Gilberto Alves Rangel

Ilustre Almirante Veiga Cabral

Com imenso prazer agradeço-lhe por ter enviado-me exemplares da Revista ADESG, edição setembro, publicação de primorosa feição gráfica e conteúdo redacional digno dos seus ilustres autores.

Quero parabenizá-lo por mais uma vez empregar o talento de sua privilegiada inteligência e reconhecida competência de trabalho em prol de uma nobre causa: presidir a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, respeitável instituição nacional que congrega parcela significativa de contemporânea elite pensante de nosso País.

Receba um grande abraço do amigo
Rangel

6

Brasília-DF, 12 de agosto de 2014

Exmo Sr
V. Alte RICARDO ANTÔNIO DA VEIGA CABRAL

Honrado, agradeço a gentileza do envio do exemplar da edição nº 285 da Revista da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - ADESG.

Na oportunidade, apresento meus cumprimentos de especial apreço e consideração.

Atenciosamente,

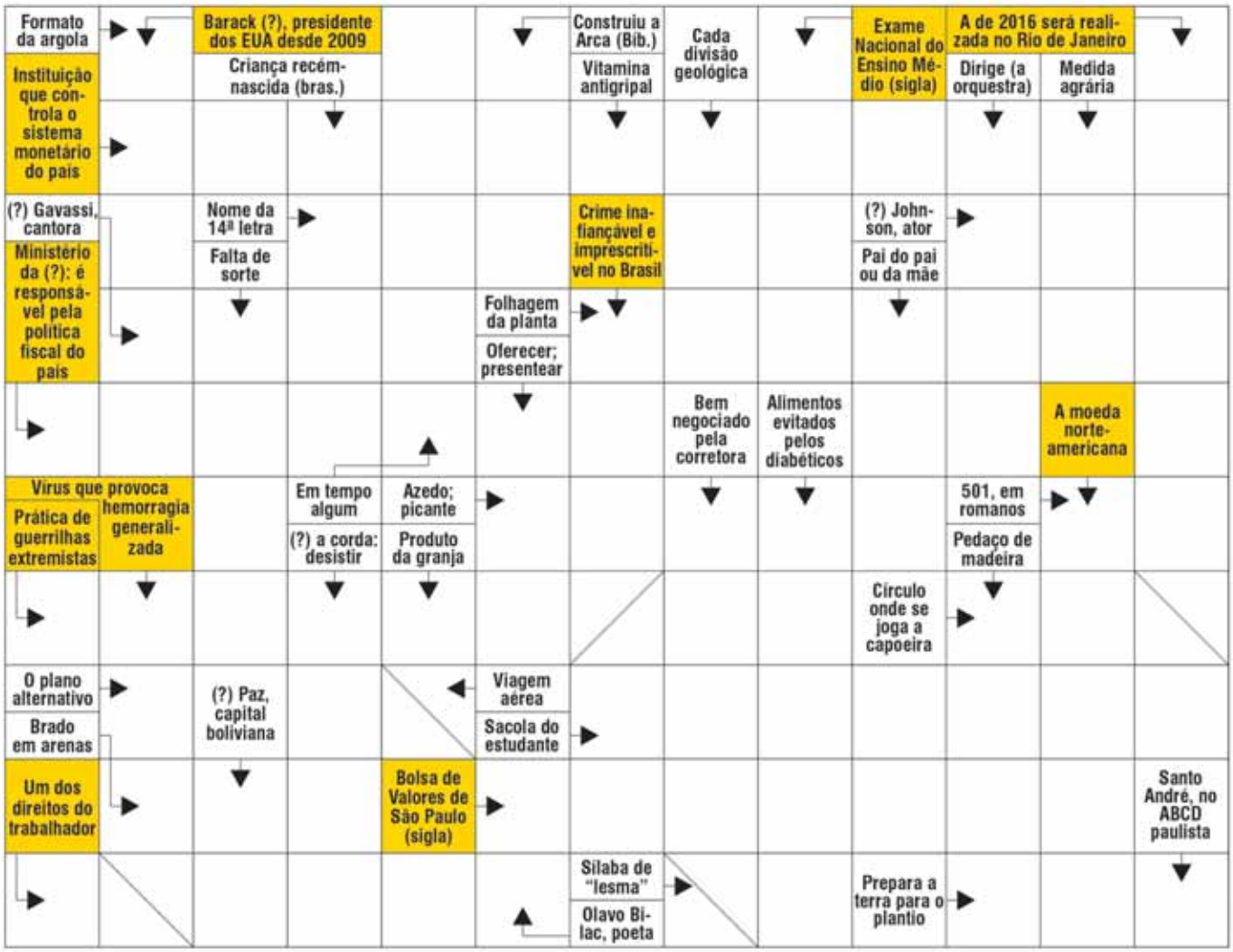
Ten Brig Ar NIVALDO LUIZ ROSSATO
Comandante do COMGAR

5

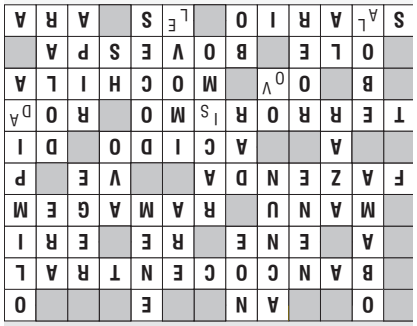
1 Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, Comandante da Marinha
2 Gen Ex Francisco Carlos Modesto, Comandante Militar do Leste
3 Cel Cav Eduardo Seazilli Pantoja, Diretor da BibliEX
4 Tem Brig Ar Alvani Adão da Silva, Diretor-Geral d DCTA
5 Gilberto Alves Rangel
6 Tem Brig Ar Nivaldo Luiz Rossato, Comandante do COMGAR

PERSPECTIVAS 2015: A PALAVRA É...

O ano de 2014 foi marcado por palavras como Copa, eleições, corrupção, protestos e seca. Certos verbetes ficam no caminho, outros persistirão em 2015 e novas expressões entrarão na ordem do dia do novo ano. Nesta edição da Revista da Adesg, articulistas opinam sobre as perspectivas e os grandes desafios do Brasil, em várias áreas. São análises e notícias que expõem os temas cruciais para o país em 2015 (com destaque para a conjuntura econômica) e, por tabela, registram algumas palavras que estarão em evidência nos próximos meses. Confira.



RESPOSTA



FINANCIAMENTO PARA
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

POUPEX

Família crescendo é sinônimo de reforma.

Com o **Financiamento para Material de Construção POUPEX**, seu projeto de construir ou reformar, e de comprar armários planejados, sai do papel. Você compra o material de construção na loja de sua preferência e financia na **POUPEX** até R$ 200 mil. Os juros são baixos, a liberação do crédito é ágil e você pode pagar em 96 meses. Além de todas essas facilidades, há uma equipe de profissionais para orientá-lo. Visite um dos Pontos de Atendimento e mãos à obra!

JUROS BAIXOS

PARA O PÚBLICO EM GERAL

0800 61 3040

WWW.POUPEX.COM.BR/FMCG

AGÊNCIAS POUPEX EM TODO O PAÍS